



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 34 - Nº 668 - DE 10 A 24 DE JULHO DE 2022 - R\$ 5,00

Cúpula de Madri

OTAN prepara maior escalada militar contra a Rússia e a China

**Estados Unidos impulsionam as tendências bélicas gestadas
nas entranhas da guerra comercial**

**Somente a classe operária, organizada e unida contra
o imperialismo e toda forma de opressão, pode combater
e interromper a marcha da barbárie**

**Todo empenho na defesa da campanha do Comitê
de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional
(CERQUI) pelo fim da guerra na Ucrânia!**

**Eis a tarefa histórica do proletariado: reconstruir
o Partido Mundial da Revolução Socialista**

**A PEC 1/2022 serve tanto ao Bolsonaro quanto ao Lula e aos
demais candidatos à presidência da República para enganar as
massas empobrecidas, miseráveis e famintas**

**LUTEMOS POR UM PROGRAMA DE REIVINDICAÇÕES PRÓPRIO DA CLASSE OPERÁRIA E DOS DEMAIS
EXPLORADOS! ORGANIZEMOS A LUTA DIRETA DOS OPRIMIDOS EM DEFESA DOS EMPREGOS,
SALÁRIOS, DIREITOS TRABALHISTAS, MORADIA, SAÚDE E EDUCAÇÃO PÚBLICAS!**

**VIVA OS 33 ANOS DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO
OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR)!**

(julho de 1989 - julho de 2022)

Tudo indica que a previsão de possível recessão mundial pode se confirmar

Quem paga e sofre são os explorados. Preparar a luta desde já!

O Fundo Monetário Internacional reduz suas expectativas de crescimento econômico mundial para 2022, e avalia que há possibilidade de recessão em 2023. Significa que as maiores economias, a dos Estados Unidos e as da Europa, terão importantes quedas. As previsões sombrias foram acompanhadas pela derrubada abrupta do preço do petróleo e pelo desalinhamento das moedas diante do dólar.

A inflação que atingiu os Estados Unidos obrigou o Federal Reserve – Banco Central – a aumentar a taxa de juro de 1,5% para 1,75%. O aumento de 0,75% é o maior registrado desde 1994. Essa foi a resposta das autoridades econômicas norte-americanas diante da elevação do índice ao consumidor de 8,61%, acumulado em um ano. Também, nesse caso, ocorreu o maior aumento inflacionário desde 1981%.

A elevação da taxa de juro nos Estados Unidos interfere em todo o mundo. Resulta em aumento das dívidas públicas, principalmente dos países de economia atrasada e semicolônias. Os altos juros atingem o endividamento da população e os investimentos de setores capitalistas. A Europa se ressentida da desaceleração da produção de manufaturas e debilitamento do setor de serviços.

A explosão inflacionária e as medidas fiscais dos Bancos Centrais atingem mais ampla e profundamente as condições de existência das massas. O resultado tem sido a projeção da miséria e da fome mundiais. Está absolutamente confirmado que a guerra na Ucrânia contribuiu em grande medida para antecipar e agravar a crise geral do capitalismo.

As medidas econômico-financeiras impostas pelos Estados Unidos e aliado à Rússia atingiram o sistema petrolífero e de gás, cuja desestabilização está em curso. O fato da Ucrânia e Rússia serem dois grandes exportadores de produtos agrícolas, inevitavelmente, afetou o abastecimento mundial e impulsionou as tendências inflacionárias, que vinham se despontando muito antes da conflagração. O imperialismo, que provocou a guerra atraindo a Ucrânia para aderir à OTAN, certamente, tinha em seus cálculos que se abriria um novo período de destruição de forças produtivas em escala europeia e mundial.

A classe operária começa a abrir os olhos para as consequências imediatas e para o futuro de suas condições de existência. As greves de ferroviários, metroviários e aeroviários deram, na Inglaterra, França e Espanha, os primeiros sinais de resistência. O governo norueguês teve de intervir rapidamente para solucionar a greve dos petroleiros, que, se prolongasse, aumentaria ainda mais os problemas do setor de energia.

Na América Latina é visível o descontentamento e a inquietação dos assalariados e camponeses. O levante dos indígenas no Equador e a greve dos mineiros do Chile também sinalizaram a apreensão geral das massas, acossadas pelo desemprego, subemprego, redução salarial, liquidação de direitos trabalhistas e solapamento das condições elementares de saúde, educação e moradia. A enorme manifestação dos desempregados em Buenos Aires, Argentina, é outro sinal das tendências de

combate dos oprimidos que tendem a emergir e a fortalecer a luta de classes das massas sofridas contra os capitalistas, seus governos e o imperialismo.

É nesse marco que a Rússia avançou na conquista de posição militar na região estratégica de Donbass e a OTAN realizou a Cúpula de Madri. Ambos os acontecimentos prenunciam o agravamento da crise mundial. Não haverá um acordo que resulte em pacificação entre os Estados Unidos e a Rússia, e que garanta a autodeterminação da Ucrânia. As decisões da Cúpula de Madri foram precisamente no sentido contrário ao da paz. Conduzem a uma escalada militar que traz à memória a situação de pré-guerra mundial.

Os Estados Unidos vão reforçar ainda mais a presença de sua Forças Armadas na Europa. A OTAN apertará o seu cerco à Rússia, e estenderá o seu raio de ação à Ásia, voltado contra a China. Acertou-se o ingresso da Finlândia e Suécia na organização. Os membros da OTAN ficaram comprometidos a contribuir com 2% do PIB, para reforçar militar e administrativamente esse braço armado montado pelos Estados Unidos, movido pela estratégia da Guerra Fria contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Não bastou desintegrá-la com o inestimável auxílio da burocracia estalinista. Não bastou incentivar e provocar uma enorme divisão entre as ex-repúblicas soviéticas, ao ponto de levar a Rússia a intervir militarmente na Ucrânia.

O imperialismo, movido pela desintegração mundial do capitalismo, precisa tornar a Rússia e a China em suas semicolônias, como são a Índia, Brasil, México e a grande maioria das nações oprimidas e saqueadas. Assim, poderá controlar as imensas riquezas naturais da Rússia e das demais ex-repúblicas soviéticas. Todo o Leste Europeu se transformou em Estados vassalo das potências europeias e dos Estados Unidos. Essa regressão histórica põe à luz do dia as tendências destrutivas do capitalismo esgotado e em declínio, bem como o significado e a importância decisiva da crise mundial de direção do proletariado.

Como uma chama revolucionária, ergue-se a campanha internacional do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI). Os acontecimentos estão comprovando o valor e a precisão das bandeiras: fim da guerra, desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos na Europa, revogação das medidas econômico-financeira contra a Rússia; autodeterminação, integralidade e retirada das tropas russas da Ucrânia. Sob essas bandeiras, lutar pelo não ingresso da Finlândia e Suécia à OTAN! Somente a classe operária organizada no campo da independência política e unida em torno ao seus próprios interesses e programa pode derrotar a ofensiva militar dos Estados Unidos, de seus aliados e da OTAN. Somente assim, é possível a Ucrânia conquistar seu direito à autodeterminação. Somente com o programa da revolução proletária e da estratégia do internacionalismo marxista é possível vencer a barbárie e reconstituir a transição do capitalismo ao socialismo. Esse deve ser o norte da vanguarda com consciência de classe.

33 anos construindo o Partido Operário Revolucionário (POR)

Todo empenho na luta pela superação da crise de direção mundial!

1º de julho de 2022

Nos dias 1 e 2 de julho de 1989, o POR realizava o seu 1º Congresso. Aprovou as Resoluções Político-Programáticas. Como resposta estratégica à crise estrutural do capitalismo afirma:

“O desenvolvimento da luta de classes na maioria dos países, e a tendência crescente à polarização revolucionária do proletariado, indicam o apodrecimento das bases do regime capitalista, e o avançado estado de amadurecimento das condições objetivas para a revolução proletária mundial. A necessidade da revolução socialista internacional emerge da situação de afundamento contínuo do capitalismo imperialista e de atividade das massas. A estratégia do internacionalismo revolucionário tem suas raízes nessas contradições. É a única que pode organizar o movimento das massas para derrubar a burguesia do poder, e realizar as transformações políticas nos países socialistas, opostas à burocracia e ao restabelecimento do capitalismo”.

“A estratégia para a solução da crise estrutural no Brasil não é senão a do internacionalismo, isto é, da revolução e ditadura proletárias. Não existe outra possibilidade para derrotar a linha de recolonização imperialista e de barbarização do país. O imperialismo só pode ser liquidado se o proletariado se estruturar em torno ao objetivo de rompimento com a opressão nacional, e de expropriação da grande propriedade capitalista, transformando-a em socialista”.

Esse fundamento alicerçou a política e a organização do POR, nesses 33 anos de existência. Nos demais Congressos e Conferências, o partido avançou em suas formulações. No seu XII Congresso, de janeiro de 2014, fez uma revisão, e aprovou a última versão do Programa. Demos um salto de qualidade à frente, na concepção leninista de que o partido é o programa. Em pouco mais de três décadas de construção partidária, a crise mundial e a nacional se agravaram, confirmando os prognósticos do 1º Congresso. Decomposição econômica, antagonismos comerciais, guerras, revoltas, contrarrevoluções e massacres marcaram o período. O POR, embora embrionário, se desenvolveu nesse mar revolto, empunhando a estratégia do internacionalismo e da revolução proletária.

No momento, a longa Pandemia, que ainda não cedeu completamente, e a guerra na Ucrânia, evidenciam o grau de decomposição do capitalismo, decomposição essa causada pela contradição entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as relações capitalistas de produção, bem como entre essas e as fronteiras dos Estados nacionais.

A burguesia mundial se mostrou incapaz de proteger os explorados contra a letal Pandemia, que deixou mais de seis milhões de mortos. As forças econômicas dominantes acirram a guerra comercial, e descarregaram todo o seu peso sobre as massas mundiais.

A ofensiva do imperialismo em seu cerco econômico-militar à Rússia provocou a guerra na Ucrânia, que dura mais de quatro meses e tende a se prolongar. Uma escalada militar está em pleno desenvolvimento. Há sintomas que lembram momentos iniciais das guerras mundiais, de 1914-1918 e 1939-1945. A ofensiva econômico-militar dos Estados Unidos e aliados imperialistas à Rússia e China é típica de pré-guerra mundial.

No seu nascimento, o POR se definiu como marxista-leninista-trotskista, apoiado nas conquistas programáticas do bolchevismo, do programa da III Internacional dos Primeiros Quatro Congressos e do Programa de Transição da IV Internacional. Deu seus primeiros passos à luz do dia, constituindo o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), juntamente com o POR da Bolívia, Argentina e Chile.

Não se podia e não se pode esperar outro caminho para o capitalismo da época imperialista, apesar das demonstrações de barbárie das duas grandes guerras. O problema está em que a classe operária se acha desprovida de seu Partido Mundial da Revolução Socialista, que foi liquidado com a dissolução da III Internacional pelo estalinismo contrarrevolucionário. Por sua vez, o esfacelamento da IV Internacional, golpeada pelo revisionismo pequeno-burguês, se tornou um obstáculo à luta da vanguarda com consciência de classe em resolver a crise de direção.

No seu nascimento, o POR se definiu como marxista-leninista-trotskista, apoiado nas conquistas programáticas do bolchevismo, do programa da III Internacional dos Primeiros Quatro Congressos e do Programa de Transição da IV Internacional. Deu seus primeiros passos à luz do dia, constituindo o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), juntamente com o POR da Bolívia, Argentina e Chile.

Agora, o CERQUI, diante da guerra na Ucrânia, assinala que somente a classe operária organizada e unida pode derrotar as tendências bélicas do imperialismo, empunhando o programa da revolução mundial, que se desenvolverá de acordo com as particularidades nacionais de cada país. Trava a luta com a campanha baseada nas bandeiras: fim da guerra, desmonte da OTAN e das bases militares norte-americanas, revogação das sanções econômicas à Rússia; autodeterminação, in-

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org - fb.com/massas.por - anchor.fm/por-massas / ☎ (11) 95446-2020

tegralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Essas bandeiras de conjunto expressam a linha programática do internacionalismo marxista-leninista-trotskista.

A confirmação da entrada da Finlândia e Suécia na OTAN agrava o choque do imperialismo com a Rússia. O que ameaça transbordar a guerra dos limites da Ucrânia. A decisão, por sua vez, da cúpula da OTAN, em Madri, de aumentar suas forças militares, e ampliar seu raio de ação para a Ásia, tendo por alvo a China, expressa a emersão das tendências bélicas das entranhas da guerra comercial. Nesse marco de ruptura econômico-militar, a crise mundial, que se vem arrastando desde 2008-2009, tem tudo para alcançar o patamar mais alto desde o fim da Segunda Guerra e do fim da “Guerra Fria” contra o comunismo, formalmente decretada pelo imperialismo.

Os explorados estão diante da barbárie de uma guerra de dominação, e da barbárie da fome que assola as massas mundiais. A guerra na Ucrânia, em seguida ao longo período da Pandemia, vem afetando as cadeias produtivas e comerciais. O que tem provocado uma elevação geral dos preços dos alimentos, e uma ampliação do número de miseráveis e famintos. O fechamento de fábricas e negócios alcançou níveis mundiais. O desemprego e subemprego se elevaram, e a força de trabalho se desvalorizou. Essa combinação resulta em impulso à barbárie social. A marcha da miséria e fome continua em posição ascendente.

A classe operária e os demais explorados se veem diante da necessidade de reagirem com seus métodos próprios de luta, em defesa de suas condições de existência. É o que se observa com as recentes greves na Inglaterra e Bélgica. Não há como permanecer inertes, diante dos claros efeitos catastróficos da guerra na Ucrânia e das disputas comerciais.

Nos marcos da América Latina, o Equador vem sendo estremecido pelas massas indígenas, que voltaram a se levantar contra o avanço da pobreza, miséria e fome. No Chile, os mineiros estão em pé de guerra em defesa das fontes de trabalho e dos salários. Na Argentina, o movimento dos sem-teto volta às ruas, expressando, na mobilização coletiva, a profunda crise econômica e social. A eleição do candidato reformista na Colômbia evidenciou a repulsa da maioria contra os velhos partidos oligarcas, e francamente agentes dos Estados Uni-

dos. No Brasil, o reformismo comprovadamente contrarrevolucionário, encarnado pelo PT e seu caudilho Lula, arrebanha eleitoralmente as massas, nas condições de avanço da fome, do fracasso do governo de ultradireita, e do afundamento dos velhos partidos oligarcas. A permanência das ilusões democráticas dos explorados – alimentadas pelo reformismo – também evidencia a profunda crise de direção.

Em meio à guerra na Ucrânia, a crise política nos Estados Unidos, Inglaterra e França expõe as divisões e fraturas no interior da burguesia e dos seus Estados. Por mais que Biden e seus aliados europeus procurem convencer as massas norte-americanas e europeias de que foi alcançada uma grande e sólida unidade econômico-militar para combater a Rússia e a China, “de forma que o mundo fique mais seguro e pacífico”, a crise

econômica, as divisões inter-burguesas e a polarização entre riqueza e miséria desmentem essa farsa do imperialismo.

Está claro que o capitalismo se desintegra e empurra as massas e os países semicoloniais para a beira do precipício. A guerra na Ucrânia se constitui em mais um marco de que o capitalismo em decomposição entrou em uma etapa mais convulsiva, após a Segunda Guerra.

Permanece a trágica crise de direção provocada pelo revisionismo estalinista, que degenerou o Estado Operário, desfigurou o partido bolchevique, liquidou a III Internacional, combateu a sangue a Oposição de Esquerda, assassinou Trotsky, impulsionou a restauração capitalista, alimentou a opressão nacional, e desmoronou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991.

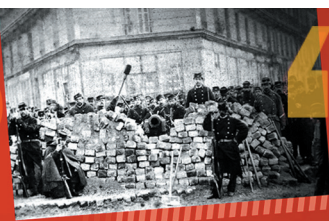
mentou a opressão nacional, e desmoronou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991. Diante dessas condições históricas regressivas, os fundamentos programáticos do 1º Congresso do POR se mostram sólidos. O que permitiu à embrionária vanguarda marxista-leninista-trotskista lutar na contracorrente, e se fortalecer programaticamente, guiando-se pela firme convicção de que o longo período contrarrevolucionário faz parte das leis da história, que levam à superação do capitalismo e edificação do comunismo.

Todo empenho na tarefa de superação da crise mundial de direção!

Reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional!

Viva os 33 anos de construção do POR!

Permanece a trágica crise de direção provocada pelo revisionismo estalinista, que degenerou o Estado Operário, desfigurou o partido bolchevique, liquidou a III Internacional, combateu a sangue a Oposição de Esquerda, assassinou Trotsky, impulsionou a restauração capitalista, alimentou a opressão nacional, e desmoronou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991.



Lições da Comuna de Paris
Março / Maio de 1871

LANÇAMENTO LIVRO

Lições da Comuna de Paris

Este livro é parte da luta pela superação da crise de direção e recuperação do terreno perdido para a contrarrevolução. As lições das derrotas e vitórias nunca se perdem. Nossa tarefa é a de mantê-las e usá-las como arma do proletariado.

R\$ 15

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DO MASSAS



Nova Coleção Editorial

Lula justifica sua candidatura na FIESP

Não é novidade e nenhuma heresia o fato de Lula almoçar na Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) com grandes empresários e banqueiros. O petista já governou por dois mandatos para a burguesia. Teve como vice-presidente o empresário José Alencar, dono da Coteminas, que arranca o couro das operárias e operários. E, agora, conta com o ex-governador e ex-PSDB Geraldo Alckmin, cuja escolha foi a de demonstrar aos capitalistas que terá ao seu lado um homem talhado na política burguesa.

Na mesa do almoço, estiveram o próprio filho de José Alencar, Josué Gomes da Silva, presidente da FIESP, e chefes do Bradesco, Itaú, da Pepsico, etc. É bom lembrar que a Pepsico está fechando uma de suas unidades em São Paulo, e demitirá centenas de operários.

Segundo informações, o encontro foi solicitado pelo próprio Lula. O que faz parte de reuniões já realizadas com empresários de grande porte. A possibilidade de que o candidato petista ganhe é grande. De forma que o empresariado tem interesse em transmitir a Lula as suas “preocupações”. Uma delas diz respeito à reforma trabalhista, aprovada no governo golpista de Michel Temer, com quem Lula espera uma reconciliação, seguindo uma das normas da política burguesa, de que o passado é passado. Todo tipo de aliança eleitoral e governamental é válida.

Quanto à reforma trabalhista, Lula já havia sido desaconselhado pelo próprio PT a não usar o termo “revogação”. Mesmo que o ex-presidente quisesse, caso seja eleito, a burguesia não permitiria a revogação de uma medida fundamental para a proteção do capital, principalmente nas condições de agravamento da crise econômica. Enfim, Lula esclareceu que o máximo que faria seria um ajuste na lei, a exemplo do que fez o governo socialdemocrata da Espanha.

Entre conversas, segundo a imprensa, o petista procurou mostrar que a colaboração entre os sindicatos e o empresariado é a melhor política a seguir. No momento em que a economia se reanimar, a população deve ter algum acesso ao resultado. Lula procurou, assim, mostrar aos pesos-pesados, que controlam, em última instância, o Estado, que continua com a velha cantilena petista do “crescimento sustentável com distribuição de renda”.

O recado principal, no entanto, foi o de que seu governo garantirá a “responsabilidade fiscal e a previsibilidade”. Em outras palavras, fará o que for necessário para criar um bom ambiente econômico para os capitalistas continuarem a explorar a força de trabalho, a especularem com a dívida pública, e a acumularem ainda mais capital.

As massas pobres e miseráveis tendem a reconduzir Lula à presidência. A experiência com o governo ultradireitista e obscurantista de Bolsonaro lhes mostra que erraram, em acreditar em suas promessas de elevar a terra ao céu. A memória que guardam de Lula é, por outro lado, daquele que melhorou um pouco o salário-mínimo e adotou a linha das “políticas sociais”, sendo os seus principais feitos os programas “Bolsa Família”, “Minha Casa, Minha Vida”, “ProUni”, “Reuni” e “Cotas Raciais”, bem como a demarcação de terras indígenas. A situação econômica mundial e nacional permitiu que o governo de Lula despejasse migalhas da mesa farta dos capitalistas às camadas mais necessitadas da maioria oprimida.

Já no governo de Dilma Rousseff, a situação mudou drasticamente. A presidenta foi derrubada pelo impeachment, em seu segundo mandato. Nesse marco de crise econômica e política, a Operação Lava Jato levou Lula à cadeia, sobre a base de um escandaloso processo judicial. A derrubada do PT do poder e a prisão de Lula serviram à ascensão da ultradireita, encabeçada por Bolsonaro, depois de o País ser governado pela ditadura civil de Temer.

A crise econômica – marcada pela recessão de 2016 – não foi superada. A estagnação do crescimento das forças produtivas conserva-se, como tendência geral da economia brasileira. Temer e Bolsonaro impulsionaram as mais amplas e profunda contrarreformas da histórica econômico-social do Brasil.

As reformas trabalhista e previdenciária somente foram possíveis, devido ao período anterior marcado pela política de conciliação de classes do PT e dos aliados de esquerda (PCdoB, etc.). Os sindicatos e centrais foram profundamente burocratizados, corrompidos e estatizados. Lula é a expressão social e a encarnação política desse processo de subordinação das organizações da classe operária aos interesses da burguesia e do imperialismo.

A classe operária e os demais explorados arcaram e vêm arcando com as consequências da Pandemia, do fechamento de fábricas, do desemprego, do subemprego e da queda salarial. O predomínio da política de conciliação de classes nos sindicatos e movimentos explica por que as lutas foram enteradas, e os explorados se encontraram desamparados de suas organizações.

Na Pandemia, a burocracia sindical, sem exceção, aplicou os planos de emergência do governo Bolsonaro e do Congresso Nacional. Diante da onda de fechamento de fábricas, os burocratas manobram as assembleias, para impor aos trabalhadores os acordos de demissão, renunciando à luta pelos empregos e pela manutenção da produção.

Superada a fase mais difícil da pandemia, as centrais e movimentos romperam a sua paralisia, mas para preparar o caminho das eleições, sob a bandeira de “Fora Bolsonaro e Impeachment”. Esgotada a possibilidade de impeachment, passaram a dedicar-se à disputa eleitoral, tendo como força propulsora a candidatura de Lula. Sob essa movimentação, fábricas foram fechadas, demissões em massas elevaram a taxa do desemprego, os salários perderam capacidade de compra, e a pobreza, miséria e fome se expandiram.

A acirrada campanha eleitoral se sobrepõe às necessidades mais elementares dos explorados. Esse é o significado mais profundo da reunião de Lula com os capitalistas da Fiesp. A vanguarda classista e revolucionária tem pela frente mais um embate com os partidos da burguesia, com os reformistas eleitoreiros e com a burocracia sindical pró-capitalista, em torno à subordinação dos oprimidos e à sua independência de classe. Essas duas linhas definem as posições nos sindicatos e nos movimentos. Cada vez ganha maior importância a agitação e propaganda do programa de reivindicações próprio da classe operária, do método da ação direta (greve, manifestação etc.), da organização coletiva e da estratégia revolucionária, que é a da revolução proletária.

Bolsonaro impõe seus objetivos eleitorais ao Congresso Nacional

Somente a luta pela independência de classe do proletariado pode abrir caminho à defesa da existência de milhões de miseráveis e famintos.

A aprovação da PEC 1/2022 favorece eleitoralmente à candidatura de Bolsonaro. Há três meses da votação, um importante contingente de miseráveis receberá o “Auxílio Brasil” de R\$ 600,00, uma elevação de R\$ 200,00. O que incluirá no novo cadastro 1,6 milhão de famílias. O vale-gás será ampliado para R\$ 53,00. O transporte de idoso gratuito contará com compensação federal aos Estados. A agricultura familiar receberá auxílio de milhões, com o Programa Alimenta Brasil. O Bolsa-caminhoneiro atribuirá R\$ 1.000,00 de ajuda de custo. O Auxílio-gasolina aos taxistas doará R\$ 200,00 para cada um dos profissionais. Repasse-Etanol a Estados para a manutenção do ICMS em 12%. Calcula-se o montante dos subsídios em mais de R\$ 40 bilhões.

(...) os famintos podem se organizar para lutar por um programa próprio, podem marchar unidos contra os exploradores e seu Estado, podem dizer não às mentiras e demagogias eleitorais, podem ter um objetivo programático para eliminar a fome, podem lutar por um governo operário e camponês nascido da revolução proletária.

Para que Bolsonaro não fosse acionado na Justiça por ter usado esses recursos em período eleitoral, o Senado aprovou uma mudança constitucional, estabelecendo um período de Emergência até o final do ano. Apenas o senador José Serra, PSDB, votou contra, alegando defesa do equilíbrio fiscal. De forma que bolsonaristas, petistas, peemedebistas etc. votaram juntos. Todos estão em campanha eleitoral. E mesmo que não tivessem seria muito difícil votar contra uma PEC que eleva o “Auxílio Brasil”, que cobre milhões de famílias pobres e miseráveis. Basta esse programa para tornar impeditivo aos parlamentares do PT, PCdoB e PSB de se colocarem contra a PEC bolsonarista.

Mas, se não fosse o imperativo eleitoral, Bolsonaro não arriscaria contrariar a posição da fração liberal da burguesia.

Essa PEC tão abrangente não seria aceita tão facilmente pelo Congresso Nacional. A imprensa denunciou e condenou a PEC 1/2022 como uma fraude visando às eleições, e temerária para as contas públicas.

Todos os candidatos à presidência vão se utilizar das migalhas despejadas pelo Estado, para neutralizar a manobra de Bolsonaro e explorá-la a seu favor. Lula, indagado sobre sua posição, respondeu: “Acho que o povo tem de pegar o dinheiro, mas não é isso que resolve o problema em dezembro.” A ideia do petista é a de que peguem o “auxílio”, e vote contra Bolsonaro, ou seja, vote em Lula. Esse é o jogo que se realiza nas entranhas da política burguesa. A pobreza e miséria são utilizadas para manter os explorados submissos aos governantes,

que servem aos interesses da classe capitalista.

A existência de tais programas sociais – Lula foi pródigo em criar várias modalidades, entre eles, o Bolsa Família, transformado por Bolsonaro em “Auxílio Brasil – reflete a incapacidade do capitalismo de criar empregos em grande escala e de garantir um salário-mínimo que cubra todas as necessidades da família operária. O desemprego e subemprego, bem como um salário-mínimo que mal cobre a cesta base, formam a base sobre a qual se eleva o alto edifício da miséria e da fome. “Bolsa Família” e “Auxílio Brasil” deveriam ser denominados de “Bolsa Esmola”.

O Brasil tem sido classificado como o país que contém o maior número de miseráveis e famintos do mundo. Agências

da ONU acabam de publicar o seu relatório “O Estado de Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2022”, sendo que no Brasil o contingente de trabalhadores que mal têm o que comer diariamente saltou para 15,4 milhões, ou seja, 3,9 milhões a mais, se comparado com o período de 2014 e 2016. Outra estatística, recentemente publicada, afirma que 33,1 milhões de brasileiros passam fome. Esses números frios, na realidade, expressam o desemprego, o subemprego, a informalidade, o insignificante salário-mínimo e a massa populacional que sequer consegue obter metade de um salário-mínimo.

Sim, Lula, os famintos não têm como rejeitar as esmolas que caem da mesa dos capitalistas, para quem você governou e espera governar. Os taxistas que trabalham em difíceis condições não podem dizer não ao humilhante subsídio. A mesma coisa se passa com os pequenos agricultores. Mas sim, Lula, os famintos podem se organizar para lutar por um programa próprio, podem marchar unidos contra os exploradores e seu Estado, podem dizer não às mentiras e demagogias eleitorais, podem ter um objetivo programático para eliminar a fome, podem lutar por um governo operário e camponês nascido da revolução proletária.

A pergunta que surge é por que, então, não tomam essa atitude de classe oprimida, por que não trilham esse caminho revolucionário? Certamente, é uma pergunta tipicamente burguesa e pequeno-burguesa. Oculta a responsabilidade do PT reformista, do Lula aburguesado, da burocracia sindical corrompida pelo capital e da esquerda arrivista, que aparelharam as organizações do proletariado e constituíram uma poderosa barreira à luta de classes.

Nesse último período em que o país foi sobressaltado pelo fechamento de fábricas, demissão em massa, avanço da

terceirização, implantação da reforma trabalhista e projeção da miséria, impediu a política de conciliação de classes e de subordinação das organizações sindicais ao parlamentarismo, ao eleitoralismo e à convivência com a patronal. Essa é a explicação do porquê a classe operária se encontra tão desorganizada e a atomizada.

Mas, é preciso reconhecer o peso decisivo da crise de direção revolucionária. O vazio deixado pela ausência de um partido marxista-leninista-trotskyista foi preenchido pelo PT, criado no final da

ditadura militar e adaptado à democracia burguesa. Sem o partido que encarne o programa da revolução proletária e a tática da luta de classes, os explorados ficam a mercê do reformismo e do oportunismo de esquerda.

O Partido Operário Revolucionário, apesar de seus 33 anos de existência, avança em meio à regressão sofrida pelo proletariado após vinte e um anos de ditadura militar e de quase quatro décadas de dominação democrático-burguesa. O momento é de profunda crise política. É sintomático que Bolsonaro e seus gene-

rais continuem a ameaçar a entrega do poder se Lula vencer.

No combate à miséria e a fome, no desmascaramento do eleitoralismo, no trabalho de organização do proletariado no campo da independência de classe, na defesa intransigente do programa de reivindicações e no desenvolvimento da estratégia da revolução proletária no seio dos explorados, o POR se potencializará e dará passos mais avançados no objetivo histórico de superar a crise de direção revolucionária, que é de ordem internacional.

Setores do PT se iludem com Constituinte

No sábado, dia 2, a corrente Diálogo e Ação Petista, do Partido dos Trabalhadores, convocou um ato denominado "Constituinte com Lula", realizado na Casa de Portugal. Tinha como objetivo discutir com a vanguarda petista e simpatizantes as seguintes reivindicações: 1) Aumento geral dos salários; 2) Reestatização da Eletrobras 3) Volta do monopólio da Petrobras; 4) Revogação da reforma trabalhista; 5) Demarcação das terras indígenas sem restrição; 6) Desmilitarização das PMs; 7) Tabelamento dos preços e cestas básicas; 8) Revogação do teto de gastos; 9) recomposição de verbas da educação, saúde e cultura; 10) Reforma Agrária; 11) Fim da tutela militar (art. 142).

Antes de iniciar a plenária, foram distribuídos marmittas e lanches para os presentes, e palavras de ordens foram entoadas pela bateria da Juventude Revolução. Com atraso de uma hora, compuseram a mesa. A fala de todos os participantes estava alinhada em defesa de uma "Assembleia Constituinte Soberana", como instrumento para que o provável governo Lula avance com reformas sociais e estratégias políticas mais à esquerda.

Destaquemos algumas falas, como a de Douglas Belchior, que trouxe a recente descoberta em abril de vestígio do quilombo Saracura, sítio arqueológico no bairro do Bixiga, durante as obras da estação 14-Bis Linha 6-Laranja do metrô. O candidato a Deputado Federal destacou a necessidade de preservar a história de resistência dos escravos na época da escravidão. Entretanto, a defesa de Douglas foi a de pressionar a empresa responsável pela obra do metrô e recorrer ao Ministério Público Federal, o que evidencia o desvio e o atraso em que se encontra o movimento negro e seus principais líderes. Apelar para ações jurídicas e conscientização dos capitalistas não passa de impostura, que oculta a impossibilidade dos capitalistas e de seus governantes de tomarem qualquer medida que de fato combata a opressão e discriminação racial.

Outra fala foi a do Vicentinho. O ex-sindicalista metalúrgico do ABC trouxe o discurso da representatividade nos parlamentos, e que deve ser uma das metas nessas

eleições, com o voto em supostos representantes que "tem a cara do povo!". É a suposta ideia de colocar parlamentares negros, indígenas e os LGBTQIA+ para ajudar na inserção de medidas mais democráticas no governo Lula.

A corrente petista defende a Assembleia Constituinte como uma ferramenta que auxiliará o governo Lula-Alckmin nas reformas e políticas públicas, que supostamente beneficiariam a massa de explorados. Trata-se de uma proposta eleitoreira, que não possui qualquer base material e nada pode garantir aos explorados. A Constituinte de 1988, mesmo sob a pressão do recém movimento operário em luta dos anos anteriores, se mostrou completamente controlada pelas oligarquias regionais, setores da burguesia nacional e pelo imperialismo. Essa experiência deveria ser suficiente para acabar com ilusões de uma nova constituinte, supostamente progressista, sob o capitalismo em decomposição.

Um exemplo mais atual aconteceu no Chile, as grandes manifestações das massas contra a alta do custo de vida, que acabou ganhando força com o avanço das contrarreformas no governo de Sebastian Piñera. Surgiu a proposta de uma Assembleia Constituinte. Porém, a Constituinte serviu como freio na luta de classes, desmobilizou e enfraqueceu o movimento. Desviou o instinto de revolta para uma saída parlamentar, institucional.

Diante disso, o POR entende a importância das reivindicações que foram discutidas no ato, que serviram como forma de dar uma resposta para a ala mais à esquerda do PT, já desiludida com a chapa Lula/Alckmin. No entanto, não será através da via institucional, parlamentar e eleitoral, que as massas conquistarão suas reivindicações. Não existe outro caminho que não seja o da luta de classes, com seus próprios métodos. A vanguarda com consciência de classe deve romper com a passividade e os desvios do reformismo e lutar contra os retrocessos impostos pelo do capitalismo em decomposição. Para isso, deve apoiar-se, estratégica e taticamente, no programa de reivindicações dos explorados, nos objetivos da revolução proletária e da luta por um governo operário e camponês.

Aprofunda-se a crise da Educação

São vários os sintomas do aprofundamento da crise educacional brasileira. A piora das condições de vida, o avanço do sucateamento do ensino, os desdobramentos nocivos da Pandemia na aprendizagem, entre outros elementos, combinados com os escândalos de corrupção envolvendo o Ministério da Educação (MEC), conformam um quadro de profunda desagregação. Os dados do IBGE sobre a juventude são alarmantes: aqueles que têm entre 18 e 24 anos são os mais atingidos pelo desemprego, além de serem o grupo que possui o rendimento mais baixo, equivalente a aproximadamente, metade da renda média do brasileiro. Muitos são empurrados para o trabalho informal, o popular “bico”; muitos abandonam os estudos. Trata-se da expressão, numa determinada faixa etária, de um problema social que abrange o conjunto da população assalariada, no campo e na cidade.

Não é à toa que o tema da saúde mental dos estudantes tem ganhado tanto destaque, particularmente no pós-Pandemia, emergindo com força no interior das escolas. São diversas as manifestações do problema: automutilação, depressão, falta de concentração, violência, dentre outras. No começo de abril, um caso ocorrido em Recife, na Erem (Escola de Referência em Ensino Médio) Ageu Magalhães, ganhou os noticiários nacionalmente: o SAMU teve de ser chamado para atender 26 estudantes em situação de crise coletiva de ansiedade, durante uma semana de provas. Casos assim têm despontado em todo o país. No mesmo mês do ocorrido em Pernambuco, a Secretaria da Educação (Seduc) de São Paulo apresentou um mapeamento, que identificou que quase 70%, num universo de mais de 642 mil estudantes da rede estadual, relataram ter sintomas ligados à depressão e ansiedade.

A Seduc também fez uma pesquisa sobre os episódios de violência na rede, os quais aumentaram cerca de 45% neste ano em comparação ao período anterior à pandemia - 5.737 casos, incluindo agressão física, ameaça, bullying, discriminação e ação violenta de grupos/gangues, contra 3.937 no primeiro trimestre de 2019. Está aí a face mais evidente da decomposição social, manifestada nas escolas.

Medidas tomadas pelos governos também ampliam e aprofundam a precarização da Educação. A mais recente veio do governo federal, com o veto de Bolsonaro à compensação financeira aos estados, que era prevista no Projeto de Lei sobre o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), compensação voltada a manter os gastos com Saúde e Educação. A nova legislação (LC 194) classifica itens como diesel, gasolina e outros como essenciais, impedindo os estados a cobrar taxa superior a uma determinada alíquota. Trata-se de uma ação de Bolsonaro impulsionada pela escalada dos preços dessas mercadorias/serviços, algo que vem desgastando a imagem do presidente, que é candidato a reeleição. O problema é que o ICMS corresponde a 60%, aproximadamente, do montante do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação).

O resultado prático é a previsão de mais um corte orçamentário substancial nas verbas para a Educação. Há estimativas de que o veto de Bolsonaro comprometerá cerca de 21 bilhões de reais, o que resultará certamente em mais sucateamento das escolas, podendo atingir salários dos trabalhadores da Educação, obras, transporte escolar, merenda e outros aspectos. Vale lembrar que a reforma do ensino médio/BNCC incentivou o crescimento do ensino integral, entre outros elementos, exigindo mais verbas para sustentação dos mesmos. Do que se depreende que o sistema educacional, já carente de recursos, agora tende a penar ainda mais.

Na rede estadual de SP, por exemplo, faltam professores, falta de tudo. Os Institutos Federais, só para citar mais um exemplo, também serão duramente golpeados pelos cortes, com uma estimativa de 200 milhões de reais de perda em 2023.

Completa esse quadro de decomposição os casos de corrupção envolvendo o MEC. As denúncias vieram à tona em março, revelando um esquema montado pelo governo federal de favorecimento a prefeituras indicadas por pastores, aliados do governo, envolvendo a liberação de recursos. O ex-ministro Milton Ribeiro e mais dois pastores chegaram a ser presos, e soltos rapidamente. A podridão ganhou novas dimensões com evidências de interferência do presidente da República sobre as investigações. Tudo isso abriu caminho para um pedido de instauração de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) sobre a corrupção no MEC, algo que ficou mais distante de se concretizar no dia 6/7, após um acordo, tendo como pivô o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), indicando que provavelmente será instaurada somente após as eleições. Os governistas, evidentemente, temem o desgaste nas urnas. É interessante observar que o esquema de corrupção envolve recursos do MEC e do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), ou seja, grana que deveria ser aplicada de acordo com as necessidades das escolas, e que tem sido desviada para atender a determinados interesses políticos.

Como se vê, enquanto a falência educacional se agrava, a burguesia abocanha mais e mais do orçamento próprio do setor. É claro que isso passa num quadro histórico mais amplo, de permanente escassez das verbas destinadas, o que se explica pela voracidade do capital financeiro, especialmente dos credores da gigantesca e extorsiva dívida pública. Diante da crise estrutural do capitalismo, a burguesia mundial e seus organismos impõem ao mundo todo, ainda mais sobre as semicolônias, os seus planos antipopulares e o receituário dito “neoliberal”, que nada mais é do que o contingenciamento orçamentário sobre os setores sociais, com o objetivo de resguardar os seus lucros.

Enquanto isso, as direções sindicais e estudantis continuam sem mover uma palha em defesa dos explorados, e da Educação em particular. Estão mergulhadas no eleitoralismo, como se pode ver com nitidez no caso da referida CPI. O seu uso como mera ferramenta de desgaste político facilitou a manobra do presidente do Senado, no sentido do adiamento das investigações. As direções têm se limitado a denúncias virtuais inócuas e algumas poucas manifestações de rua sem peso, canalizadas para o terreno parlamentar – onde a burguesia e as oligarquias mantêm-se no controle. O mesmo se passa com a questão do ICMS: nenhuma mobilização real convocada pelas direções, ao passo que se depositam todas as forças na “pressão” para que os parlamentares derrubem o veto presidencial.

O erro dessa posição reside em colocar a solução para os problemas dos explorados nas mãos da classe inimiga, a burguesia, lutando no terreno favorito dela. Está aí o caminho da derrota! A juventude e os trabalhadores devem confiar tão somente em suas próprias forças, empregando os seus métodos históricos de luta: a greve, as ocupações, os bloqueios de avenida etc. Esse caminho passa pela defesa unitária e massiva das reivindicações mais elementares das massas (empregos, salários e direitos), combinando-as com a defesa dos serviços públicos. Já passou da hora de as direções das centrais, sindicatos e movimentos convocarem um dia nacional de lutas, como preparação para uma poderosa greve geral no país. Este é o caminho da vitória!

Boletim Nossa Classe – julho

Política Operária

Como lutar contra a miséria e a fome

Os candidatos à presidência da República falam em diminuir a desigualdade entre a minoria rica e a maioria pobre. Falam que é preciso acabar com a fome. São todos mentirosos. Depois de eleito presidente, governa para os ricos. Ou seja, governa para as multinacionais, para os latifundiários, para os agroindustriais, para os banqueiros etc. O máximo que um governo burguês pode fazer para os miseráveis é doar migalhas do “Bolsa Família” ou do “Auxílio Brasil”. Neste momento, Bolsonaro para ganhar voto aumentou o “Auxílio Brasil” para R\$ 600,00 por alguns meses. Esse valor sequer compra a cesta básica, que está em R\$ 777,00.

De onde vem a miséria e a fome de 33,1 milhões de trabalhadores brasileiros? Vem da brutal exploração capitalista de nosso trabalho. O que resulta em milhões de desempregados e subempregados. É bárbara a situação de 30,13 milhões que sobrevivem do subemprego. Milhões ganham de menos de 1 a um salário mínimo de R\$ 1.212,00.

Como se pode ver, a classe operária tem de tomar em suas próprias mãos a luta contra a pobreza, a miséria e a fome. O nosso ponto de partida é a união de empregados, desempregados e

subempregados em torno a um programa de reivindicações.

O Boletim Nossa Classe defende: 1) um salário mínimo vital, que garanta a sobrevivência da família operária; 2) emprego com carteira assinada a todos aptos ao trabalho, o que exige a redução da jornada de trabalho sem reduzir os salários; 3) reposição geral das perdas salariais; 4) reajuste automático dos salários de acordo com o aumento do custo de vida. Nossa bandeira operária é: Nenhum trabalhador fora da produção; nenhum trabalhador recebendo menos que o salário mínimo vital (segundo o Dieese o valor R\$ 6.754,33).

A pergunta é: Como unir a classe operária na luta contra a miséria e a fome? Temos os nossos sindicatos. Mas suas direções estão apodrecidas pela política burguesa. O Boletim Nossa Classe luta para que a classe operária forme novas direções classistas e revolucionárias. Luta para que os sindicatos convoquem as assembleias para unir empregados e desempregados. Luta para que as centrais sindicais iniciem uma campanha nacional de luta pelos empregos e salários. Nossa bandeira é: Nada de eleitoralismo; nossas reivindicações têm de ser defendidas por nós mesmos!

Resposta operária ao fechamento da PepsiCo**Pela ocupação da fábrica, estatização, sem indenização, e o controle operário.**

A PepsiCo resolveu fechar a fábrica de Guarulhos. Diz que vai concentrar a produção em sua unidade de Sorocaba. Assim, 300 companheiros serão demitidos. O número será ainda maior, se somarmos os terceirizados.

A direção do sindicato da alimentação, em vez de organizar os operários para manter a fábrica funcionando e garantir os empregos, pediu em tom choroso que a multinacional abrisse negociação. Negociação significa obter uma

indenização, perder o emprego e não achar imediatamente outro. Muitos terão de se tornar trabalhador informal ou terceirizado. Assim, a direção do sindicato perdeu a oportunidade da assembleia, do início de junho, de organizar a luta contra o fechamento da fábrica.

O caminho para defender os empregos é o de ocupar a fábrica, exigindo a continuidade de seu funcionamento. Também é o de exigir dos governantes a estatização sem indenização da PepsiCo.

Como a multinacional fechará em outubro, ainda há tempo de erguer uma campanha contra essa medida antiooperária.

O Boletim Nossa Classe vem denunciando os acordos traidores das indenizações. As indenizações acabam rápido e o desemprego baterá fundo nas casas dos operários. O Boletim Nossa Classe levanta a bandeira: Emprego não se negocia, se defende com luta! Fábrica fechada, é fábrica ocupada!.

A classe operária precisa lutar contra o fechamento de fábricas e demissões

O fechamento da PepsiCo ocorre depois do fechamento da Ford, LG, Toyota e Caoa-Chery. Vemos que as multinacionais aproveitam para explorar o trabalhador brasileiro e saquear a economia nacional. A Ford encerrou toda sua atividade no Brasil. A LG e a Toyota fecharam e transferiram suas fábricas para outros locais. A Caoa-Chery disse que possivelmente reativará sua planta em Jacaré com a produção de carros elétricos, sem data marcada. O resultado foi que milhares de postos de trabalho dire-

tos e indiretos foram destruídos.

A PepsiCo apresentou um lucro bilionário de US\$ 4,26 bilhões no primeiro trimestre deste ano. Ainda assim quer lucrar mais fechando uma de suas fábricas e aumentando a exploração dos trabalhadores de outra região. Todas as multinacionais que vêm fechando fábricas obtiveram grandes lucros. Isso à custa dos baixos salários e da alta produtividade.

O Boletim Nossa Classe lutou contra todos esses fechamentos de fábrica.

Mostrou aos trabalhadores que a defesa do emprego é a defesa de sua própria vida e de sua família. Condenou as direções sindicais que capitularam diante das multinacionais, renunciando à luta contra o fechamento e aceitando acordos de indenização. O Boletim Nossa Classe defendeu que os sindicatos e centrais organizassem uma campanha nacional contra o fechamento de fábricas, pelos empregos e pelos salários. Agora, lutamos contra o fechamento da PepsiCo.

Volks impõe redução da jornada com redução de salário

A montadora alemã, novamente, descarrega sobre os metalúrgicos a crise do setor automobilístico, alegando falta de componentes. Tira da gaveta o acordo feito com a direção do sindicato, que protege a multinacional por cinco anos. Impôs, assim, a redução da jornada com o corte de salário. Isso no momento em que o custo de vida está nas alturas.

A direção do Sindicato Metalúrgico do ABC justificou que não havia outro remédio, porque a Volks ameaçou parar toda a produção. O fato é que os trabalhadores terão a redução salarial e, mais ainda, sequer tem prazo para retornar o salário integral.

A burocracia sindical age dessa forma, porque há muito deixou de defender os empregos e salários. Nos discursos, falam alto contra a miséria e a fome, mas na prática está sempre pronta para fazer acordos contra a vida dos operários.

O Boletim Nossa Campanha denuncia mais esse acordo traidor, que protege os capitalistas e esfolia os operários. Faz campanha para que a vanguarda consciente se esforce para organizar uma oposição classista e de luta, que defenda as reivindicações e os métodos dos trabalhadores e que se assenta na democracia operária.

Terceirização: um tumor que precisa ser extinto

A terceirização foi o maior presente que o governo deu aos capitalistas. Não por acaso, ganhou projeção após a reforma trabalhista de Temer. Hoje, as empresas terceirizadas estão em todos os setores. Contratam trabalhadores com salários mais baixos e impõem um regime de semiescravidão e grande rotatividade. Diante do sufoco do desemprego, arrumar um emprego em uma empresa

terceirizada tem sido o caminho para milhões de trabalhadores.

As direções sindicais não organizam a luta dos terceirizados. Isso porque implica se colocar pelo fim da reforma trabalhista e da lei da terceirização. Ou seja, se chocar com os capitalistas e governo. Lembremos que Lula chegou, agora, em falar em revogar a reforma trabalhista, mas logo recolheu seu discurso porque

desagradou os aliados capitalistas.

O Boletim Nossa Classe vem insistindo junto aos operários de que é preciso se colocar contra a reforma trabalhista e a terceirização. Defende o fim da terceirização e a contratação direta dos trabalhadores. O que pressupõe a luta pela redução da jornada sem redução do salário, para que haja emprego a todos.

Denúncia de um operário da terceirizada EF engenharia

Diz o companheiro operário ao Boletim Nossa Classe: “meu salário é de R\$ 1835,00. Recebo no final do mês R\$ 1577,00, com os descontos. No dia 5, o que eu recebo é para pagar o aluguel e sobram R\$ 20,00. No dia 20, eu pego meu vale para poder pagar a água e a luz em

atraso, porque vencem no início do mês, e comprar alguma coisinha para dentro de casa, é o que dá para comprar com que recebemos aqui hoje”.

Essa é a situação de milhões de trabalhadores. A terceirização veio para reduzir os custos da mão-de-obra para o

patrão. E veio para dar lucro à empresa terceirizada, que aluga nosso trabalho para o patrão que se livrou de contratar diretamente.

O Boletim Nossa Classe luta pelo fim da terceirização. Defende a efetivação de todos os trabalhadores terceirizados.

Discussão com um dos diretores do Sindicato Metalúrgico do ABC

Ao distribuir o Boletim Nossa Classe, porta-voz do Partido Operário Revolucionário (POR), em uma das fábricas metalúrgicas do ABC, um diretor se aproximou de nossos distribuidores, para questionar a sua divulgação. Recusou pegar o Nossa Classe, dizendo que já conhecia. Disse que nossa publicação atacava o sindicato. Respondemos que não havia ataque ao sindicato, mas à política de conciliação de classes de sua direção. Informamos que os distribuidores do Nossa Classe tinham sido ameaçados fisicamente por diretores do sindicato, inclusive na fábrica que estávamos panfletando.

Na discussão, mostramos que o Nossa Classe/POR, defende as organizações sindicais e movimentos, e se opõe à política das direções que, por exemplo, permitiu o fechamento de fábricas como a Ford e a Toyota no ABC. Ao mesmo

tempo que lembramos a ele da responsabilidade dessas direções nas derrotas diante da aprovação da Lei da Terceirização, e das reformas trabalhista e previdenciária dos governos Temer e Bolsonaro. Mostramos que o Parlamento é o campo político do capital e de onde continuarão a sair derrotas. Ele respondeu que a direção do sindicato lutou contra o fechamento de fábricas, reuniu-se com as empresas, prefeito, governador, e juntamente com a CUT, contra todos os ataques, mas que não se pode lutar contra o capitalismo. Justamente essa posição de não lutar contra o capitalismo é que levou a direção do sindicato a realizar acordos de demissão e fechamento de fábricas.

O diretor do sindicato, então, se retirou. E continuamos a distribuir o Nossa Classe e conversar com os operários.

Escute o Massas, **podcast do Partido Operário Revolucionário**

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

Rio Grande do Norte / Boletim Nossa Classe - julho

O Boletim Nossa Classe abre mostrando o crescimento da fome no Brasil. Destaca que já são 33,1 milhões que passam fome e que metade da população (124,8 milhões) não sabe se terá comida para pôr no prato, devido à elevação dos preços dos produtos básicos (arroz, feijão, óleo, leite etc.). A inflação vem corroendo os miseráveis salários. O desemprego e subemprego continuam em alta. Denuncia as direções sindicais e políticas que não movem uma palha para organizar a luta dos explorados por emprego a todos e salário que possa manter dignamente uma família. Conclui dizendo que o Boletim Nossa Classe trabalha para que os explorados se organizem coletivamente para lutar pelas suas reivindicações, por meio das assembleias, dos comitês de luta e das comissões de fábrica. Somente com um programa de reivindicações e a organização independente, é possível combater o desemprego, o salário mínimo de miséria, e a destruição de direitos trabalhistas.

Outra nota denuncia a situação do estado do Rio Grande do Norte. Diz que 1/3 da população sobrevive com menos de R\$ 210,00 por mês e que 1,15 milhão de pessoas já vive na extrema pobreza. Trata-se de um estado pouco industrializado, dominado por latifundiários e oligarquias locais. E que as desigualdades sociais são enormes: os ricos estão ficando cada vez mais ricos, e os pobres, cada vez mais pobres. A raiz da fome e da miséria se encontra no capitalismo. Um sistema econômico onde a minoria, proprietária dos meios de produção, se enriquece e uma grande maioria explorada se empobrece. Assim, é por meio da luta di-

reta que essa maioria, sob a direção da classe operária, colocará fim a esse brutal sistema econômico.

O Boletim trouxe também a denúncia sobre as demissões na fábrica Guararapes. Diz que além de além de superexplorar os operários com trabalho aos sábados e 1 hora a mais, agora a fábrica realiza uma nova onda de demissões, jogado dezenas de operários na fome e miséria. Com as demissões em massa e baixos salários, a fábrica Guararapes contribui com o aumento do desemprego e da extrema pobreza no nosso estado. Responsabiliza a direção do sindicato (Sindconfecções/RN) por fechar os olhos diante da exploração e das demissões. Conclui chamando os operários a construir uma oposição classista, capaz de expressar a luta pelas reivindicações e os métodos da classe operária, que são as greves, piquetes, manifestações etc. Defende: Nenhuma demissão; contratação de mais trabalhadores; nada de trabalho aos sábados; fim do banco de horas; por um piso salarial que cubra as reais necessidades de uma família operária; reposição imediata das perdas salariais; organizar a comissão de fábrica.

O Boletim Nossa Classe conclui com a campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) e do Partido Operário Revolucionário pelo fim da guerra na Ucrânia. Levanta as bandeiras: desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas na Europa; revogação das sanções econômicas contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. E chama as centrais e sindicais a organizem a luta em torno ao fim da guerra.

Rio Grande do Norte / Boletim da Corrente Proletária na Educação

O Boletim mostra mais um dos ataques do prefeito Álvaro Dias aos trabalhadores da educação de Natal. Diz que além de não receberem os 6,24% restantes do piso de 2020, que a própria justiça burguesa determinou, e os professores grevistas terem seus salários descontados, o prefeito impôs a odiosa reforma da previdência, aprovada na Câmara de Vereadores. Só puderem desfechar esses ataques porque contam com a colaboração da direção do sindicato (SINTE), que não foi capaz de impulsionar a greve. Agora, diante dos enormes descontos nos salários dos grevistas, não organizou a resistência, única forma para fazer valer a reivindicação de não desconto dos dias parados pela greve. A coleta de recursos para o fundo de greve deve ser parte da luta para sustentar o movimento.

Em outra nota, o Boletim denuncia a contrarreforma da previdência, aprovada, no dia 29 de junho. Entre os principais ataques estão o aumento da idade mínima para se aposentar (60 para 62 anos, homens; 55 para 57, mulheres) e do tempo de contribuição de 35 e 30 anos, respectivamente, se homem e se mulher, bem como a elevação do tempo de exercício como servidor de 10 para 15 anos. Diz que as direções sindicais realizaram um ato no dia da votação da contrarreforma. Mas não houve empenho de or-

ganizar as bases, resultando, assim, em um ato de representantes sindicais e correntes de esquerda. Conclui expondo a tarefa da vanguarda com consciência de classe em trabalhar por erguer as oposições classistas e de luta.

O Boletim faz também uma avaliação das eleições para a direção do sindicato (SINTE). Mostra que há muito não tem democracia sindical e que a direção foi reeleita. A burocracia do sindicato, que vem aplicando a política de conciliação de classes, é um braço sindical do PT na educação e é a responsável por sustentar a governabilidade da Fátima Bezerra. É na luta contra a burocratização do sindicato e na defesa das reivindicações e métodos dos explorados que essa direção será desmascarada e varrida do sindicato. Por isso, a Corrente Proletária criticou a conduta das chapas de recorrerem à Justiça burguesa para que esta interferisse na condução e nos resultados das eleições.

Três outras notas fazem parte do Boletim: 1) sobre a luta dos estudantes da Escola Dom Joaquim (SGA) diante do funcionamento em dois prédios por não ter local próprio; 2) a campanha contra a farsa da reforma do ensino médio; 3) a perseguição do prefeito do PT de São Gonçalo do Amarante a um supervisora de ensino.

Rondônia / Intervenção da Corrente Proletária

O prefeito de Porto Velho, Hilton Chaves, ao invés de atender as reivindicações, puniu os técnicos da educação, descontando seis dias de seus miseráveis salários. Os técnicos em educação, que participaram da greve nos dias 28 e 29 de abril e nos dias 2 e 3 de maio, receberam os descontos, incluindo os fins de semana dos dias de abril e o 1º de Maio.

A burocracia do Sintero, que dividiu o movimento, isolando os técnicos dos demais trabalhadores da educação, diz que recorreu à Justiça. Não organizou uma resposta coletiva, convocando assembleia e manifestações, para impor o pagamento imediato dos dias parados. Quer que os técnicos aguardem a resposta da Justiça burguesa. Isso se agrava diante do salário que é miserável e da

elevação dos preços dos produtos de primeira necessidade. Não por acaso, o descontentamento é grande e uma parcela procura a via da desfiliação do sindicato. Essa parcela não consegue compreender que uma coisa é a burocracia que comanda o sindicato, que é traidora; outra, é o sindicato, um organismo criado pelos trabalhadores para lutar contra a exploração.

Mas o problema dos ataques não se resume aos descontos da greve. Os professores sofreram o golpe do percentual do piso do magistério. O governo pagou na forma de complemento no salário. A luta é para que pague, sem parcelamento, o que deve aos professores. O movimento começou forte, as assembleias eram

grandes, mas a burocracia foi quebrando a disposição de luta.

A Corrente Proletária tem atuado no movimento defendendo as reivindicações, a unidade com os demais trabalhadores e o método da ação direta. Vem insistentemente rechaçando o método da conciliação de classes da direção do SINTERO e ressaltando a independência de classe dos trabalhadores da educação. Faz campanha para que os três sindicatos dos servidores da educação - municipal e estadual - se coloquem pela unidade, convocando as centrais e demais sindicatos a organizarem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, pelos empregos, salários e direitos trabalhistas. ■

Sinasefe suspende a greve

Direção Nacional impõe às seções o fim da greve e dilui a bandeira de reposição salarial

Em 28/06, em plenária nacional híbrida do Sinasefe, foi aprovada a suspensão do movimento grevista, iniciado em 16 de maio. O chamado à suspensão pela direção nacional do Sinasefe ocorreu sob a defesa de “recuo tático” do movimento para o “estado de greve, reforçando a necessidade de manter as mobilizações e a pressão sobre o (des)governo Bolsonaro”.

Durante as últimas semanas, pelo menos 12 seções dos IFs tinham campi em greve. No lugar da direção nacional do Sinasefe trabalhar para fortalecer o movimento grevista, utilizou uma plenária virtual para enterrar a greve. Sob a desculpa que não se trata de encerramento e que a mobilização pode continuar, alimenta as ilusões da possibilidade de pressão sobre o governo sem greve. Isso impõe aos campi em greve o encerramento da greve entre 4 e 15 de julho. Esta suspensão favorece a pressão das Reitorias, que ameaçam os grevistas com a Instrução Normativa 54, de corte de salário. O sindicato, enquanto instrumento de luta, não respondeu à altura as reivindicações dos servidores, nem a necessidade de defesa dos métodos de luta próprio dos trabalhadores.

Os encaminhamentos da plenária nacional híbrida expressaram maior controle burocrático da direção do sindicato por meio dos métodos virtuais. Foi encerrado o movimento grevista e restringe-se a campanha às pressões parlamentares, a exemplo da “Jornada de Lutas”, de 4 a 7 de julho, em Brasília, junto ao FONASEFE. O calendário aprovado foi: 04/07 - dia todo - Recepção aos parlamentares no aeroporto; 05/07 - Recepção aos parlamentares no aeroporto e ato contra as privatizações e pela recomposição dos orçamentos (Anexo da Câmara dos deputados); 06/07 - Reunião com parlamentares sobre orçamento (Congresso), vigília pela recomposição dos orçamentos (Câmara dos deputados) e visita aos gabinetes dos parlamentares pela recomposição dos orçamentos; 07/07 - ato pela CPI do Ministério da Educação. Assim, a direção põe fim ao movimento da base, inclusive enterrando a luta pela reposição salarial emergencial de 19,99%. A direção impede que a base se movimente e protagoniza atos por delegação para serem postados nas redes sociais. Diante das manifestações da crise política do governo Bolsonaro, a direção arrasta o sindicato para a campanha por uma CPI do MEC, que apenas servirá às disputas interburguesas eleitoreiras.

O fracasso do FONASEFE na campanha salarial, que marcou e

desmarcou greve por tempo indeterminado pela reposição salarial de 19,99% foi evidenciado pelo abandono da greve do INSS, que seguiu a orientação do FONASEFE e iniciou a greve em 23/03, e permaneceram dois meses parados, pressionando o governo a negociar e atender as reivindicações específicas da categoria - mostraram o caminho para pressionar o governo a negociar, mas as direções do FONASEFE continuaram negando a necessidade de imediata construção da greve unificada dos servidores federais.

O fim da greve dos IFs atende aos interesses eleitoreiros da direção do Sinasefe, que fez o Congresso presencial este ano para aprovar o apoio à eleição de Lula/Alckmin. A coordenação geral do Sinasefe (Lobão-PSOL/Resistência), no Congresso apontava que a forma de combater os ataques aos servidores federais é nas urnas e “ruas”. Como se vê, o chamado às ruas é meramente demagógico e está em choque com a política voltada às urnas. Diante do crescente descontentamento salarial e do avanço do sucateamento das condições de trabalho nos IFs, o movimento grevista poderia ter se desenvolvido, mas a ausência de uma fração classista no sindicato impediu que se rompesse o controle da burocracia, que só usou a ameaça de greve como blefe.

É urgente a retomada dos métodos presenciais de organização e luta dos servidores federais. A greve foi encerrada sem sequer ter sido convocada uma Plenária Nacional presencial para sua construção. O governo aproveitará o recuo do movimento para avançar nas medidas de ataque. A tendência é de continuidade da alta dos preços e desvalorização do salário. O ataque às condições de trabalho avança, como no IFSP, onde a Reitoria lançou em 01/07/22 uma portaria, em acordo com o governo, de controle de pontos para docentes. Desta forma, só serão contabilizadas as 40 horas de trabalho docente executadas no campus, por controle do ponto eletrônico, o que já ocorre no IF-Sertão de PE, IFES e tende a se expandir pelos IFs. São muitas as razões para os trabalhadores pressionarem as seções a retomarem as assembleias presenciais, para organizar um movimento de resistência e defesa das condições de trabalho e da Educação. Abaixo aos métodos virtuais que mantém a maioria na passividade! Que a direção do Sinasefe retome às Plenárias Nacionais Presenciais para retomar a greve unificada dos IFs, em defesa dos salários e condições de trabalho!

Mais uma derrota para a democracia sindical na Adufepe

A Adufepe convocou uma assembleia híbrida “permanente”, com votação de 6 a 8 de julho, para mudar seu regimento. O conteúdo da mudança é um ajuste do calendário das eleições sindicais. Mas o método é um tijolo a mais no muro da burocratização da entidade. Um muro que vai blindar a burocracia sindical e separá-la cada vez mais da categoria. Um muro que vai cindir cada vez

mais o debate em relação aos encaminhamentos; que vai limitar o professor de base à condição de espectador das ações dos dirigentes sindicais, advogados e parlamentares.

A forma plebiscitária da votação já tem sido adotada. Nas últimas assembleias, chegou-se até a votar “sim ou não” para medidas dos governos e reitoria, mas sem debater e votar as táticas da

categoria para interferir nos processos. A resolução do trabalho docente é exemplar. A categoria decidiu ser contra, mas sem aprovar nenhuma linha de ação concreta. E a reitoria simplesmente aprovou a medida. As propostas de criação de comandos de mobilização das três categorias são desqualificadas pela direção. E, assim, seguimos de derrota em derrota.

O método híbrido e plebiscitário já foi adotado na criação da Adufepe Saúde, um plano privado, cujo lastro na ANS são os recursos das contribuições dos sindicalizados. A forma virtual acentua a dissociação entre debate e ação, precariza a reflexão e favorece a dispersão e atomização da categoria, enquanto a burocracia se blinda e se fortalece.

Prepara-se, assim, o terreno para uma mudança que já vinha sendo tentada pela corrente que dirige a seção sindical, o PCdoB. Em 2020, pré-pandemia, eles chegaram a publicar nos jornais a convocatória de uma assembleia para dissolver a Adufepe e criar um sindicato desvinculado do ANDES-SN. Na época, circularam informações de que estavam coletando votos por procuração, uma vez que o quórum exigido para essa alteração é elevado e as formas virtuais de votação, defendidas pelo PROIFES, eram rejeitadas.

Com a pandemia, as formas híbridas e a votação plebiscitária foram sendo testadas e sedimentadas. A burocracia reveste seus

interesses, agora, com o discurso da ampliação da participação e dos cuidados sanitários. Com isso, prepara seu golpe anunciado. A mesma direção que faz uma festa massiva para os sindicalizados, ainda afirma que a assembleia híbrida é para evitar contágios. É preciso analisar politicamente as consequências dessa “comodidade”. Um professor chegou a votar no online e também no presencial, para testar as possibilidades de fraude, e a entidade não passou no teste.

Diante dessa dura situação, em que temos de enfrentar o governo, mas nossa entidade não tem servido para isso, fazemos um chamado aos docentes que se opõem à burocratização da entidade, que defendem a Adufepe como parte do nosso sindicato nacional, o ANDES-SN, que entendem a importância de um movimento docente combativo e democrático para que possamos enfrentar os inúmeros ataques à Educação Pública, aos serviços públicos, ao funcionalismo, dentre tantos outros.

Há colegas que já foram ativos no movimento sindical e que estão se desfilando. Temos de recuperar o terreno perdido em termos de organização, inclusive com campanhas de filiação. Nossa crítica à direção é uma defesa da entidade sindical. Precisamos, com urgência, reagrupar a oposição docente, convocar uma reunião ampla, fazer um balanço do último período e traçar um plano comum de atuação em relação à Adufepe. ■

São Paulo / Boletim da Corrente Proletária na Educação

O Boletim traz como nota principal mais um ataque aos professores. Trata-se do decreto do governador Rodrigo Garcia, que impõe aos contratados da categoria “O” o aumento da jornada de trabalho. Institui para o professor com jornada semanal de 40 horas semanais a obrigatoriedade de permanecer na escola 53 h/a, fazendo cursos de “formação pedagógica”. Em vez de salário, a remuneração foi transformada em subsídio, aparentemente vantajoso de R\$ 5000,00, no entanto, com uma carga maior de trabalho e sem nenhum direito do magistério, entre eles, a reposição salarial e o reajuste de acordo com a Lei do Piso Nacional. Aplicou, assim, o novo Plano de Carreira. Para os professores efetivos e os de categoria “F”, ofereceu a opção de migrar para o tal Plano de Carreira. Certamente, se não houver resistência coletiva, essa opção cairá por terra e o governador fará o mesmo que fez com os contratados.

O Boletim mostra que o novo Plano de Carreira, que inclui a transformação do salário em subsídio, e a expansão das PEIs caminham juntos. São dois programas do governo de desvalorização da força de trabalho, de fechamento de turnos nas escolas, de expulsão do estudante-trabalhador, de redução dos cursos de EJA, de introdução do ensino a distância por meio da “formação pedagógica” e de eliminação de conquistas do magistério. Isso tem gerado descontentamento entre os professores. Lamentavelmente, não tem passado de indignação, porque não é canalizado pela direção da Apeoesp para organizar a resistência coletiva. A solução da burocracia é sempre a mesma: o professor que se sentir prejudicado deve recorrer ao jurídico do sindicato. Como boa parte dos contratados não é filiado ao sindicato, o remédio da burocracia não passa de água com açúcar.

O Boletim insiste na organização da luta coletiva. Diz que a reivindicação da categoria sempre foi de redução da jornada sem redução do salário. Defende que nenhum professor ganhe menos que o salário mínimo vital por 20 horas semanais, que nos cálculos do Dieese está R\$ 6.527,67, que o reajuste salarial seja de acordo com a elevação do custo de vida e o fim do confisco

salarial dos aposentados. E a derrubada das medidas governamentais, entre elas o “novo Plano de Carreira”, as PEIs, Ejatec e a contrarreforma da previdência. Nesse sentido, faz um chamado para que as centrais, sindicatos e movimentos convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, para unir a luta dos trabalhadores da educação com a dos demais explorados. Para isso, são fundamentais a convocação de assembleias e a constituição dos comitês de luta, e não os comitês eleitorais para coletar votos, como esses que os burocratas propõem.

Por fim, o Boletim denuncia a farsa da avaliação diagnóstica da Secretaria Estadual da Educação. Diz que na semana de 25 a 27 de junho, a Secretaria da Educação de São Paulo obrigou mais uma vez as escolas estaduais a aplicarem a farsa da tal avaliação diagnóstica para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Os pais das crianças de 6 anos dos bairros proletários foram surpreendidos com uma prova via online, feita pela Secretaria Digital (SED). Tiveram de responder a prova no lugar de seus filhos, porque a maioria das crianças do 1º ano não domina a leitura e a escrita, muito menos a habilidade de manejo de um mouse de computador. No caso dos pais e familiares com pouca ou quase nenhuma habilidade digital, os próprios professores acabaram dando a resposta. Eis aí a farsa. O governo, do alto de seus gabinetes, inventa uma prova, sem ter a noção do que ocorre no chão das escolas dos bairros pobres.

O fato é que a educação está cada vez pior. Sequer as noções básicas da leitura e escrita são assimiladas por boa parte das crianças. O que mostra a decomposição do ensino e a incapacidade da burguesia de impulsionar uma das tarefas democráticas, que é a elevação cultural geral da maioria da população. Tarefa essa que é parte da luta pelo fim do apodrecido sistema econômico capitalista. Daí a importância do programa de reivindicações, dos métodos próprios dos explorados e de sua organização independente. O Boletim conclui fazendo a defesa de um único sistema de ensino, público, laico, voltado à produção social, em todos os níveis – do básico ao superior –, sob o controle de quem estuda e trabalha. ■

São Paulo / **Que tipo de ensino superior está reservado à minoria operária**

A grande maioria dos operários e seus filhos não consegue completar seus estudos. Uma minoria chega ao ensino médio. No ensino superior, são raríssimos os que conseguem uma vaga na universidade pública. Assim, a parcela que alcança o nível superior está obrigada a pagar as mensalidades. A educação básica, embora boa parte seja pública, acaba se tornando impeditiva para milhões de pessoas, que desde cedo é obrigada a abandonar a escola e buscar uma fonte de ganho. Como não existe a possibilidade de combinar os estudos com o trabalho, a juventude pobre abandona os bancos das escolas.

Que ensino superior privado encontra essa ínfima parcela de trabalhadores? Encontra instituições voltadas à mercantilização da educação, com carga horária superior a 60% em disciplinas de ensino a distância (EAD), com um corpo docente direcionado a proporcionar lucros para a empresa educacional que o emprega e com uma educação apoiada nos princípios da competência e concorrência burgueses. Portanto, inteiramente em oposição aos interesses dos estudantes explorados e oprimidos. O exemplo do curso de história nessas faculdades serve de testemunho. Sem condições de pagar as mensalidades, milhares de estudantes são obrigados a recorrer às instituições de financiamento, para conseguirem bolsas e poderem frequentar a faculdade particular. Ou,

então, se submeterem ao programa de financiamento do governo, o FIES. Apesar da propaganda do governo Lula de que se tratava da “maior política pública de acesso das camadas mais pobres ao ensino superior”, hoje, o que se vê é que beneficiou o sistema financeiro parasitário e os donos de faculdades, deixando milhões de estudantes na inadimplência.

A situação se agravou depois desses dois anos de pandemia. O EAD se espalhou, as condições de ensino pioraram e as dificuldades dos filhos dos trabalhadores alcançarem o nível superior, cada vez mais distante. Isso ocorre porque as direções do movimento estudantil há muito não lutam por organizar a juventude contra o ensino privado e em defesa da educação pública. A bandeira da estatização, sem indenização da rede privada de ensino, sob o controle de quem estuda e trabalha, é fundamental para a luta pela educação a todos em todos os níveis.

Diante dessa situação, militantes do Partido Operário Revolucionário vêm atuando junto a faculdades privadas, que reúnem os filhos dos explorados. Iniciou um estudo sobre alguns textos de Marx, para compreender o sistema capitalista e os fundamentos da escola vinculada à produção social. Ao mesmo tempo, mostrando a importância dos estudantes participarem ativamente, juntamente com a classe operária, da luta pelos empregos, salários e direitos trabalhistas. ■

São Paulo – ABC / **Estudo coletivo em torno à campanha internacionalista do CERQUI e os ataques à educação**

O estudo contava de duas partes: 1) a discussão sobre a Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI) dos “Três meses de guerra na Ucrânia”; 2) sobre os ataques do governo à educação, em particular, os cortes de verbas nas universidades federais. Em função da rica discussão sobre a guerra na Ucrânia, o segundo tema ficou prejudicado.

O centro do estudo se concentrou na explicação da responsabilidade do imperialismo, em particular dos Estados Unidos, em promover a guerra e suas consequências no mundo todo. Destacou-se também o conceito leninista de guerra de dominação e guerra de libertação, bem como o da autodeterminação da nação oprimida. Eis algumas conclusões: 1) os Estados Unidos são os grandes impulsionadores e interessados na Guerra na Ucrânia; 2) a utilização das armas de alta tecnologia, sob o comando da OTAN, impulsiona a indústria bélica e exige da Rússia uma resposta mais letal; 3) a guerra bélica é resultado da guerra comercial, e que os EUA têm a clara intenção de subjugar a China; 4) a Rússia assumiu uma posição defensiva contra a OTAN/EUA, porém ofensiva contra a Ucrânia. Discutiu-se, amplamente, as bandeiras da campanha in-

ternacionalista do CERQUI: desmantelamento das bases militares da OTAN e das bases militares norte-americanas; revogação de todas as sanções contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia.

No final do estudo, uma simpatizante colocou o problema de como defender o fim da guerra, quando a classe operária e os demais explorados do país não conseguem sequer defender suas condições de vida. Em outras palavras: como superar o atraso político dos explorados. Foram feitas várias colocações como o papel das direções sindicais e políticas que há muito vêm anulando o poder de luta dos trabalhadores; a política de conciliação de classes; as derrotas dos trabalhadores devido às posições das direções do movimento; a necessidade de recorrer à luta para defender os empregos, salários e as conquistas trabalhistas; e, fundamentalmente, a crise de direção revolucionária. Como conclusão foi destacado o papel da vanguarda com consciência de classe em superar esses obstáculos. Tarefa essa que passa pelo fortalecimento do partido revolucionário. Esse é o trabalho que desenvolve o Partido Operário Revolucionário. ■

Comentário enviado ao Jornal Massas de uma simpatizante presente no curso do ABC

O estudo foi importante para mim, porque mostrou o papel da imprensa burguesa, que se coloca abertamente em apoio aos Estados Unidos e a OTAN e mostra a Rússia como a responsável principal pela guerra, como vilã. Conse-

gui compreender porque o POR coloca que a Ucrânia se transformou em bucha de canhão dos Estados Unidos e a política de Putin de invadir o país. Portanto, o significado de guerra de dominação.

O estudo foi importante porque além

de discutir a guerra também mostrou a política de defesa do fim da guerra. E a necessidade de organizar a classe operária e os demais trabalhadores para lutar contra esse sistema capitalista de exploração e opressão. ■

■ São Paulo – Litoral Norte / **Realizado o curso de formação política**

No dia 26 de junho, ocorreu em Caraguatatuba o curso mensal, organizado pela Corrente Proletária na Educação/CPE. Foram lidos e debatidos o capítulo IX do livro “A Revolução Traída”, de Leon Trotsky e o Manifesto do POR sobre o assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips (publicado no Jornal Massas 667).

Na primeira parte, foram destacadas duas ideias do capítulo “O que é a URSS?": 1) a caracterização de Trotsky da URSS como de transição do capitalismo ao socialismo, na qual os ramos fundamentais da economia foram estatizados. Nesse ponto, discutiu-se a formulação de Trotsky da relação entre a transformação da propriedade privada em propriedade social e a estatização. Trotsky usa uma figura de linguagem que é a da larva que, para se tornar borboleta, tem de passar por crisálida. Nessa transformação, a crisálida não é uma borboleta. Seguindo com a imagem, Trotsky mostra que “*milhares de crisálidas morrem sem chegar a ser borboletas*”. Assim conclui: “*a propriedade do Estado só se torna de ‘todo o povo’ na medida em que desapareça os privilégios e as distinções sociais e, consequentemente o Estado perca a sua razão de ser. Em outras palavras: a propriedade do Estado torna-se propriedade socialista na medida em que vai deixando de ser propriedade do Estado. E o contrário é verdade: quanto mais o Estado soviético se elevar acima do povo, quanto mais se opuser a ele, como guardião da propriedade do povo e dilapidador dessa propriedade, mais obviamente testemunha contra o caráter socialista da propriedade estatal*”; 2) Trotsky distingue a estatização realizada pelos Estados burgueses da experiência revolucionária do proletariado. No primeiro caso, a intervenção do Estado nas bases da propriedade privada é para salvá-la. Esse estatismo não se baseia na necessidade de desenvolver as forças

produtivas, mas para preservar a propriedade privada às custas das forças produtivas que contra ela se insurgem. Isso no caso do estatismo “*na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler, nos Estados Unidos de Roosevelt ou na França de Leon Blum*”. Discutiu-se, então, que a estatização ocorrida na Revolução Russa resultou da “*expropriação da classe capitalista*”. Assim, Trotsky conclui: “*A primeira concentração dos meios de produção nas mãos do Estado que a história conhece foi cumprida pelo proletariado com a revolução social e não pelos capitalistas, pelos trustes estatizados*”.

Na segunda parte do curso, discutiu-se o Manifesto “*Somente a classe operária, os indígenas e os camponeses pobres unidos podem combater os assassinatos na Amazônia*”. Levantou-se, entre outras coisas que: 1) houve repercussão internacional sobre os assassinatos, porque um dos mortos era jornalista inglês. Do contrário, provavelmente, o crime não teria repercussão, como outros assassinatos já evidenciaram. 2) os assassinatos bárbaros foram usados pelos reformistas eleitoralmente, desenvolvendo as ilusões de que o problema da violência reacionária será resolvido por meio de um “governo democrático”, desconsiderando o quadro de desagregação social que é próprio do capitalismo em sua fase de decadência; 3) que a autodeterminação dos indígenas é uma tarefa democrática que não será resolvida no capitalismo, de forma que só será realizada no curso da revolução proletária; 4) o Estado burguês é incapaz de chegar à raiz dos assassinatos e dos seus responsáveis, pois se assenta na propriedade privada e na exploração do trabalho. Assim, os crimes de classe, como esse, só podem ser apurados e punidos pelos métodos próprios do proletariado. Daí a importância da bandeira do tribunal popular, organismo pelas massas em luta. ■

Quinzena

CUSTO DE VIDA INSUPORTÁVEL **Qual deve ser a tarefa dos sindicatos?**

Os preços dos produtos de primeira necessidade estão nas alturas. O preço do litro de leite varia de R\$ 7 a R\$ 10, dependendo do bairro. Subiu em média 35% nos últimos três anos. O leite, arroz, feijão, farinha, café, pão, carne etc. sobem quase que diariamente. Sem falar do gás, luz, água, remédio e aluguel que não param de aumentar. Não por acaso que a fome e a miséria arrastam 33 milhões de brasileiros. E não por acaso que metade da população não sabe se terá condições de continuar pondo comida na mesa.

Enquanto tudo sobe, também mantém no alto o desemprego e o subemprego. O que cai são os ganhos dos trabalhadores. Hoje o salário médio real de admissão para quem tem carteira assinada é de R\$ 1.898,00, portanto, pouco acima do salário mínimo de R\$ 1.212,00, que é miserável. Milhões estão recebendo de menos de 1 a 1 salário mínimo, enquanto a cesta-básica ultrapassou R\$700,00 nas grandes capitais e o aluguel de um barraco na favela não fica por menos de R\$ 500,00. Também não por acaso que mais de 30 mil pessoas moram nas ruas de São Paulo.

Bolsonaro aproveita o momento eleitoral para anunciar a correção do “Auxílio Brasil” de R\$400,00 para R\$ 600,00. Um jogo eleitoreiro próprio de quem tem a chave do cofre e precisa

ser reeleito. Parlamentares da oposição, como sempre, fazem o jogo da “obstrução”, do “adiamento” e outras manobras próprias do Congresso Nacional. O PT, que tem Lula como o favorito nas eleições e precisa do voto de milhões que recebem o “Auxílio Brasil”, se limita aos discursos contra a ação de Bolsonaro. Por sua vez, a burocracia sindical repete os discursos do “senso comum”. O fato que não há nenhum esforço de organizar os explorados em torno a um programa próprio de reivindicações, que parta das assembleias, da constituição dos comitês de luta e que ganhe as ruas de todo o país, em defesa dos empregos, salários, direitos trabalhistas. Lembremos que a burocracia há muito deixou de defender o salário mínimo do Dieese e a redução da jornada sem redução dos salários, tão propagado nos primeiros Congressos das centrais e dos sindicatos.

A única resposta à elevação do custo de vida está na defesa do salário mínimo vital, da escala móvel de reajuste (subiu o preço dos produtos, sobe o salário) e na defesa do emprego a todos, por meio da redução da jornada sem redução dos salários (escala móvel de trabalho). E o método também é um só: a luta direta, a luta de classes. Está aí por que é preciso constituir as oposições classistas nos sindicatos e fortalecer o partido da classe operária, o Partido Operário Revolucionário.

Nesta edição:

- CERQUI: **a)** Escola de Quadros / **b)** Artigo de Lora - “A Perestroika e a Revolução Política” / **c)** Declaração do CE - “Novo plano da OTAN” / **c)** Boletim do CE nº 35 - Apresentação
- **Lênin:** III Congresso dos Soviotes - Discurso no encerramento do Congresso.
- **Bolívia:** A crise de direção revolucionária na atual conjuntura. / A crise interna do MAS, expressão de suas limitações políticas e seu esgotamento no poder.
- **Peru:** Castillo cambaleia, a direita se fortalece.
- **Equador:** Lasso recua perante a força do movimento.



Artigos das Seções **Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional**

**Escola de Quadros****Comitê de Enlace pela Reconstrução
da IV Internacional**

Escola de Quadros Internacional

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) decidiu por realizar uma Escola de Quadros em suas seções e, depois, uma Escola de Quadros conjunta, com as conclusões fundamentais dos estudos de formação. A iniciativa se deve aos acontecimentos que vêm ocorrendo com a guerra na Ucrânia. E à ofensiva dos Estados Unidos contra a Rússia. Foram selecionados extratos de duas obras: 1) Revolução Traída, Leon Trotsky, 1936; 2) A Contrarrevolucionária Perestroika, Guillermo Lora, 1990.

A Escola de Quadros iniciou com uma apresentação feita por Atílio, que mostrou que essa atividade é a continuidade de dois estudos realizados pelo POR. O primeiro, ocorrido em 10 de abril, sobre as explicações de Lênin e Trotsky, em torno à autodeterminação. Na ocasião, foram discutidos dois artigos: “Carta aos operários e camponeses da Ucrânia em função das vitórias sobre Denikin” (Lênin) e “A questão ucraniana” (Trotsky). E o segundo em 8 de maio, sobre a base de dois artigos de Lênin: “O Socialismo e a guerra”, 1915, e o “Programa Militar da Revolução Proletária”, 1916. Para os cursos, o POR elaborou dois folhetos intitulados: “Fundamentos e princípios do marxismo-leninismo-trotskismo”, o primeiro, “Sobre o direito à autodeterminação das nações” e, o segundo, “O Socialismo e a Guerra”. Esses dois cursos fizeram parte da campanha internacionalista do CERQUI pelo fim da guerra na Ucrânia. Atílio enfatizou as bandeiras: 1) desmantelamento da Otan e das bases militares norte-americanas; 2) a revogação das sanções econômicas dos Estados Unidos e países aliados à Rússia; 3) a autodeterminação, a integralidade territorial e a retirada das tropas russas da Ucrânia –, explicando o conteúdo político de cada uma delas, a diferenciação entre guerra de dominação e libertação e o acerto dessas bandeiras.

Em seguida, destacou a importância histórica das formulações de Trotsky em a “Revolução Traída”, e a de Lora, em a “Contrarrevolucionária Perestroika”. Trotsky expressou a luta

contra a degeneração estalinista do Estado operário, o combate à pseudotese de Stalin “o socialismo em um só país”. O que significou a substituição do programa do internacionalismo proletário. Para isso, Stalin teve de desfechar uma brutal repressão e perseguição à Oposição de Esquerda e ao desmonte dos fundamentos do partido bolchevique. Stalin deu início à restauração capitalista, que foi seguida pelos governos posteriores, culminando com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991. O desmonte da URSS provocou uma enorme dispersão das repúblicas soviéticas, entre elas a da Ucrânia. Hoje, a Rússia trava uma guerra na Ucrânia, em razão do cerco imperialista, promovido pela OTAN. Nesse sentido, Atílio destacou a importância da luta de Trotsky, em evitar que o triunfo de Stalin resultasse na eliminação da grande conquista da revolução de Outubro, que foi a construção da URSS. Daí sua formulação de revolução política, aplicada nessa luta por manter em pé as conquistas revolucionárias do proletariado.

Ressaltou, também, a importância histórica da luta de Guillermo Lora contra as correntes revisionistas, oriundas do esfacelamento da IV Internacional. O livro “A Contrarrevolucionária Perestroika” foi a demonstração de até que ponto havia chegado a restauração capitalista na URSS, que ainda não havia sido dissolvida. Mostrou que Lora se apoiou inteiramente nas formulações de Trotsky, como se viu no curso.

Atílio concluiu a apresentação dizendo que o CERQUI se constituiu sobre a base do marxismo-leninismo-trotskismo, e se apoia inteiramente nas formulações de Trotsky e Lora na luta contra a restauração capitalista.

Em seguida, o plenário foi dividido em grupos. Dois grupos estudaram os extratos do livro “A Revolução Traída”, e dois sobre “A Contrarrevolucionária Perestroika”. Por fim, abriu-se para a plenária, onde os grupos expuseram suas conclusões e a militância destacou aspectos dos estudos.

Eis as conclusões dos extratos da “A Revolução Traída”:

- 1) Origem da burocracia restauracionista. Quatro aspectos fundamentais: a) o atraso econômico e cultural da Rússia; b) as enormes dificuldades de o proletariado controlar diretamente a economia e o Estado soviético; c) a ascensão de camadas pequeno-burguesas e da aristocracia operária nos soviets e no comando do Estado; d) o atraso da revolução mundial, sendo esse último o fator determinante;
- 2) A burocracia Termidoriana é uma casta social, e não uma classe social;
- 3) Noção do Termidor, extraída da experiência da revolução francesa, cujo paralelo ao Termidor soviético corresponde à contrarrevolução nas estranhas da revolução. O estalinismo se tornou a encarnação do Termidor;
- 4) O Termidor se instaura com a expropriação política do proletariado. Nesse ponto, não havia a expropriação social. Mas a expropriação política poderia levar à restauração capitalista;
- 5) A noção de revolução política como uma reforma do regime soviético. O que se distingue da revolução social. Trotsky elaborou o programa da revolução política, considerando que os fundamentos econômicos e sociais da revolução proletária ainda permaneciam. E que a manutenção da propriedade estatizada, da economia planificada e do monopólio do comércio exterior indicava que a transformação a ser realizada pelo proletariado era a da revolução política;
- 6) Os prognósticos de Trotsky são fundamentais para indicar o curso da contrarrevolução restauracionista e da revolução política. Três variantes: a) vitória da revolução política; b) vitória da contrarrevolução no caso de se constituir um partido burguês; c) a própria burocracia daria lugar à constituição de uma classe de proprietários;

Conclusões dos extratos da “A Contrarrevolucionária Perestroika”

- 1) A crise estrutural do capitalismo penetrou no interior da URSS e agravou a crise interna do Estado Operário degenerado;
- 2) Apesar do programa restauracionista da Perestroika, a economia planificada ainda não foi derrubada, mas enfraqueceu, não apenas a propriedade estatizada, como a própria planificada da economia;
- 3) A Perestroika não havia dado um salto qualitativo na restauração. Mas, o avanço das mudanças do programa de Gorbachev tendia à destruição do Estado operário;
- 4) A burocracia concluiu se vinculando à burguesia mundial e atentando contra os fundamentos econômicos do Estado operário;
- 5) A crítica histórica e política à Perestroika se baseia numa previsão do Trotsky, em que afirma a possibilidade do Estado soviético ser substituído pelo capitalismo. Assim a contrarrevolução capitalista traz em suas entranhas as bases de uma nova revolução de Outubro;
- 6) As convulsões sociais que se instalaram desde os anos de 1950 nos Estados operários degenerados expressavam a necessidade da revolução política. O problema estava em que predominava a crise de direção;
- 7) A revolução política não é uma consigna, mas um fenômeno histórico social, que avança e retrocede, que conhece vitórias parciais e derrotas.

No final, um camarada fez a leitura e a saudação do Manifesto dos 33 anos de fundação do Partido Operário Revolucionário. De pé, o plenário deu um viva aos 87 anos de fundação do POR-Bolívia e aos 33 anos do POR-Brasil.

Publicamos abaixo os extratos

“A Revolução Traída”, Leon Trotsky, agosto de 1936

“Definimos o Termidor soviético como a vitória da burocracia sobre as massas. Tentamos mostrar quais as condições históricas dessa vitória. A vanguarda revolucionária do proletariado foi, em parte, absorvida pelos serviços do Estado e, pouco a pouco, desmoralizada, em parte destruída durante a guerra civil, e em parte eliminada, esmagada. As massas fatigadas e desiludidas, nada mais apresentavam do que indiferença pelo que se passava nos meios dirigentes. Essas condições, por mais importantes que sejam, de modo algum bastam para nos explicar como conseguiu a burocracia elevar-se acima da sociedade e tomar por muito tempo nas mãos os seus destinos, unicamente a sua vontade seria, em qualquer caso, insuficiente; a formação de uma nova camada social deve assentar-se em causas sociais mais profundas” (págs. 118-119)

“A nacionalização da terra, dos meios de produção industrial, dos transportes e de troca, junto com o monopólio do comércio exterior, constitui as bases da sociedade soviética. Estas relações estabelecidas pela revolução proletária definem aos nossos olhos a União Soviética como um Estado Operário” (pág. 223) (...)

“Uma outra diferença não menos importante: a burocracia soviética expropriou politicamente o proletariado para defender, pelos seus próprios métodos, as conquistas sociais do proletariado. Mas o próprio fato de ter se apropriado do poder político em um país em que os meios de produção mais importantes pertenciam ao Estado, criou entre ela e as riquezas da nação relações inteiramente novas”. (pág. 224)

“Os meios de produção pertencem ao Estado. O Estado ‘pertence’ de algum modo à burocracia. Se essas novas relações se tornassem a norma e fossem legalizadas, com ou sem resistência dos trabalhadores, acabariam levando à liquidação completa das conquistas sociais da revolução proletária” (pág. 224) (...)

“O caráter da economia depende, pois, inteiramente do caráter do poder do Estado. A queda do regime soviético causaria inevitavelmente o colapso da economia planificada e, assim, a abolição da propriedade estatal. O elo obrigatório entre os trustes e as fábricas se romperia. As empresas mais favorecidas seriam entregues a si próprias; poderiam tornar-se sociedade de ações ou adotar qualquer outra forma transitória

de propriedade, por exemplo, a participação dos operários nos lucros. Os kolkhozes se desagregariam de imediato, de forma ainda mais fácil. Assim, a queda da ditadura burocrática atual, sem a sua substituição por um novo poder socialista, significaria a volta ao sistema capitalista, com o declínio da indústria e da cultura”. (pág. 225) (...)

“Suponhamos que a burocracia soviética seja derrubada do poder por um partido revolucionário, reunindo todas as qualidades do velho bolchevismo e, além disso, enriquecido pela experiência mundial dos últimos anos (...) Não teria de recorrer a medidas revolucionárias na relação de propriedade. Continuará e desenvolveria a fundo a experiência da economia planificada. Após a revolução política – isto é, após a derubada da burocracia –, o proletariado teria de introduzir na economia uma série de reformas muito importantes, mas não teria de fazer uma nova revolução social” (pág. 226) (...)

“Se – para trabalhar a segunda hipótese – um partido burguês derrubasse a casta soviética dirigente, encontrasse não poucos servidores entre os burocratas de hoje, os técnicos, os diretores, os secretários do partido, os dirigentes privilegiados em geral. Uma depuração do aparato do Estado, é claro, também seria necessária, nesse caso. Mas a restauração burguesa teria, com certeza, de afastar menos gente do que um partido revolucionário. A principal tarefa do novo poder seria restabelecer a propriedade privada dos meios de produção” (...) Embora a burocracia soviética tivesse feito muito pela restauração burguesa, o novo regime seria obrigado a cumprir, no terreno

da propriedade e do modo de gestão, não uma reforma, mas uma verdadeira revolução” (págs. 226- 227) (...)

“Vamos assumir uma terceira variante. Admitamos, contudo, que nem o partido revolucionário, nem o partido contrarrevolucionário, tome o poder. A burocracia continua à frente do Estado. Mesmo nessas condições, as relações sociais não ficariam congeladas. Não podemos contar com que a burocracia renunciará voluntária e pacificamente em favor da igualdade socialista. Como se sabe, apesar dos graves inconvenientes dessa operação, ela restabeleceu as patentes e as condecorações; será, pois, inevitavelmente necessário que procure apoio nas relações de propriedade. Alguém pode argumentar que pouco importa ao grande burocrata qual a forma de propriedade, desde que garantidos os seus rendimentos. Mas isto é ignorar a instabilidade dos direitos do burocrata e o problema de seus descendentes. O novo culto da família não caiu do céu. Os privilégios valem apenas metade, se eles não podem ser transferidos aos filhos de cada um. Ora, o direito de herança é inseparável do direito de propriedade. Não basta ser diretor de truste, é necessário ser acionista. A vitória da burocracia neste setor decisivo faria dela uma nova classe possuidora. Inversamente, a vitória do proletariado sobre a burocracia marcaria o renascimento da revolução socialista. A terceira hipótese nos conduz, assim, às duas primeiras, pelas quais tínhamos começado para a maior clareza e simplicidade (...). Na verdade, uma volta ao capitalismo é totalmente possível”. (pág. 227) (...)

“A Contrarrevolucionária Perestroika”, Guillermo Lora – 2ª edição - 1990

Contradições da transição do capitalismo ao comunismo

O Estado soviético nasceu da revolução de Outubro, projetada para o comunismo, para a Pátria Universal. Os planos econômicos, a política dos governos russos, têm de ser julgados de acordo a esta referência. Serão revolucionários, se fortalecem a base da sociedade soviética, e se lhe permitem avançar – ainda seja em pequeníssima medida – para a materialização da sociedade sem classes e, contrariamente, serão reacionários, se estão orientados a enfraquecer a estatização dos meios de produção, a economia planificada, o monopólio do comércio exterior, ou o direito à autodeterminação das nacionalidades, se conspira contra a luta anticapitalista e anti-imperialista em nível mundial. As medidas econômicas particulares devem ser julgadas à luz destas colocações. (“Até onde chegou a burocracia?”, pag.8)

A atual crise capitalista estrutural – necessária e inevitavelmente mundial – penetra ao interior da URSS, e agrava a crise interna do Estado operário degenerado, cuja raiz, em última instância, acha-se no freio burocrático, que impede tirar toda vantagem possível da estatização dos meios de produção, da economia planificada e do monopólio do comércio exterior. (...) Não poucas medidas desenvolvidas, ou que estão em execução, facilitam a livre ação da economia capitalista na URSS, portanto, da crise estrutural do presente.” (“Até onde chegou a burocracia?”, págs. 10 e 11)

Estados Operários Degenerados

A economia planificada ainda não foi derrubada, mas as medidas adotadas e que citamos tendem a enfraquecer, não apenas a propriedade estatizada, mas também a planificação da economia, que não pode funcionar se se erguem no caminho de sua execução os interesses dos proprietários e empresários privados. Entre estatização dos meios de produção e planificação existe uma estreita interrelação. (“Superar a estagnação”, pág. 50)

Restauração Capitalista

As revoluções chinesa e russa, as chamadas “democracias populares”, impostas pelas baionetas do exército vermelho, que conformaram os Estados operários degenerados sob a influência soviética, são etapas da transição do capitalismo ao comunismo, processos contraditórios, cheios de avanços e retrocessos, em cujo desenvolvimento não estão excluídas as derrotas. (“Derrocada da burocracia estalinista”, pág. 107)

A Contrarrevolucionária Perestroika

Não estamos perante o salto qualitativo no desenvolvimento social, que, desta vez, pretende-se apresentar ordenadamente “por cima”, desde o cume do governo e de um partido estranho às massas oprimidas da URSS, mas perante o ponto culminante de uma política abertamente contrarrevolucionária, antioperária e anticomunista. (“Até onde chegou a burocracia?”, pág. 4)

Pode-se dizer que a tendência encabeçada por Gorbachev, e

que rapidamente vai se impondo dentro da burocracia estalinista internacional, marcha em linha reta a consumir a obra da destruição dos Estados operários, que é precisamente o que se procura insistentemente o capitalismo. Os duros, os que se aferram na resistência às reformas, em seu afincio de permanecer dentro da tradicional política contrarrevolucionária do estalinismo: esforçam-se por manter o velho estado de coisas, porque dessa forma defendem seus privilégios, e não o avanço da revolução, em certa medida aparecem como resquícios do papel dual que tradicionalmente tem jogado a burocracia termidoriana..." ("Derrocada da burocracia estalinista" - A burocracia instrumento do imperialismo, pág. 121)

[A derrocada do regime soviético] Trata-se de todo um processo histórico, que não se pode dar imediatamente e ainda menos de forma pacífica. ("Derrocada da burocracia estalinista" - A burocracia instrumento do imperialismo, pág. 135)

Sobre a burocracia

A burocracia concluiu soldando-se à burguesia mundial e reagindo contra os mesmos fundamentos econômicos do Estado operário – para muitos “seu” Estado –, que até certo ponto defendeu, para sobreviver. Arrancou o aparelho estatal de mãos do proletariado, o absorveu, mas concluiu sendo engolida pelo inimigo de classe, pelo imperialismo. ("Derrocada da burocracia estalinista" - A burocracia instrumento do imperialismo, pág. 114)

De maneira geral, a burocracia é uma criatura da classe dominante, age a seu serviço e sob seu controle. No caso dos Estados operários degenerados, o problema é particular, trata-se de que a burocracia, nascida das entranhas da classe operária e de sua vanguarda revolucionária, arranca o aparelho estatal e partidário das mãos do proletariado, para o estrangular ao serviço da contrarrevolução. Não é uma nova classe, como teimosamente afirmam os partidos da restauração capitalista no bloco soviético, mas a excrescência que apareceu no organismo proletário, como consequência do excessivo atraso da revolução em escala internacional. ("Derrocada da burocracia estalinista" - A burocracia instrumento do imperialismo, pág. 118)

Trotsky se referiu ao papel dual, contraditório que jogou o estalinismo bonapartista. Mas, não pôde prever que chegaria ao extremo de se converter no instrumento consciente e direto da destruição dos fundamentos econômicos do Estado operário, da penetração do capital financeiro mundial, das multinacionais, enfim, da propriedade privada. ("Derrocada da burocracia estalinista" - A burocracia instrumento do imperialismo, , pág. 118)

"No 'Termidor e Bonapartismo', escrito em novembro de 1930, lemos (...). De um modo geral – prossegue Trotsky –, as contradições da edificação socialista podem adquirir tal tensão que quebrem as bases da referida edificação, tal como as colocou a Revolução de Outubro, e como se reforçaram pelos êxitos econômicos posteriores, sobretudo os do plano quinquenal? Sim, isto é possível. Quem ocuparia neste caso o lugar da sociedade soviética atual em sua totalidade? O regime atual, enquanto regime de tran-

sição do capitalismo ao socialismo, pode, no caso mencionado, ser substituído tão somente pelo capitalismo. Claro que seria um capitalismo de tipo muito particular: seria um capitalismo colonial em sua essência, abarcando uma burguesia de compradores, um capitalismo saturado de contradições, e que exclui a possibilidade de sua evolução progressiva. Todas as contradições, que puderam ocasionar o afundamento do regime soviético, se transformariam imediatamente em contradições interiores do capitalismo, e adquiririam prontamente extremada agudeza. O que quer dizer que a contrarrevolução capitalista contém as bases de uma nova revolução de Outubro". (pág. 172)

Revolução Política

"As grandes convulsões sociais que têm lugar nos países dos Estados operários degenerados são descomunais levantamentos de massa, em cujo seio continua agitando a luta de classes, ainda que por momentos de maneira encoberta. (...) Paga-se um alto

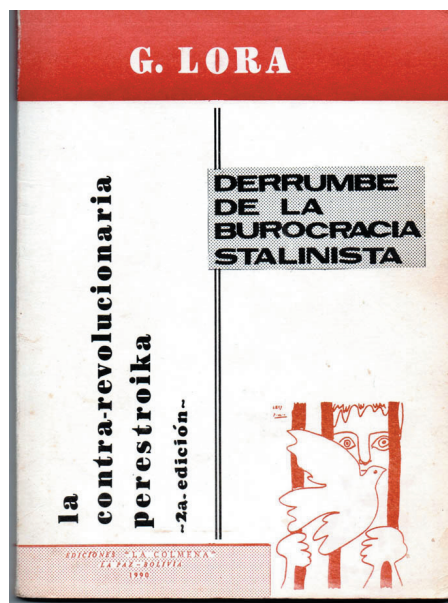
preço pela persistente presença das ilusões democráticas. Por isso, constitui um dever imprescindível levantar a bandeira da revolução política e da ditadura do proletariado autêntica". (pág. 178)

"Tudo isso é o que aparece na superfície, à primeira vista. Ali onde estouram as greves operárias, imediatamente se organizam comitês de greve, que funcionam como órgãos de poder, que se transformam em sindicatos independentes, etc. Em tais casos, aparece inconfundível a revolução política, que avança e que quase sempre se opaca, diante do peso considerável do democratismo de tipo burguês, o que põe em evidência a ausência de uma direção marxista revolucionária". (pág. 179)

A revolução política não é uma consigna, mas um fenômeno histórico-social, que

avança e retrocede, que conhece vitórias parciais e derrotas. Como em todo o acontecimento desta natureza, os novos avanços partem do já conquistado, e a experiência acumulada forma parte da maturidade política das massas oprimidas e exploradas. A experiência conquistada na luta converte-se em conquista, e teoria, em programa graças à atividade ideológica da vanguarda do proletariado organizado em partido, que constitui a peça-chave, mestra, para a vitória da revolução política. ("Antecedentes da Revolução Política...", pág. 141)

A defesa incondicional da URSS, dos Estados operários degenerados, apesar das dificuldades pelas que passam, constitui o dever elementar dos revolucionários. Neste plano não há lugar para o derrotismo, perante a ofensiva imperialista. Agora, podemos dizer que essa ofensiva tem lugar utilizando, como cabeça de praia, uma parte da própria burocracia estalinista. Há que repetir que essa defesa não outra coisa é que a defesa das conquistas fundamentais da revolução de outubro, que constituem os germes materiais da sociedade comunista. Essa defesa é inseparável da luta contra a burocracia termidoriana, como se depreende do indicado anteriormente. A defesa incondicional se concretiza na revolução política. ("Derrocada da burocracia estalinista" – A revolução política, pág. 126).



Publicamos um ponto do folheto “Para ler o Programa do POR”, de 1991, escrito antes da dissolução da URSS, em 26 de dezembro de 1991. Expressa a luta marxismo-leninismo-trotskismo contra o processo de restauração, impulsionado pelo governo de Gorbachev. Decidimos pela divulgação como parte da Escola de Quadros do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional.

A Perestroika e a Revolução Política

Guillermo Lora, fevereiro de 1991

Dando continuidade à política antiburocrática, e em favor da revolução socialista internacional, o POR vem assinalando – desde o primeiro momento – que a Perestroika era uma política contrarrevolucionária, que procura restaurar o capitalismo, e servir ao imperialismo, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e nos países do Leste Europeu. Não resta dúvida de que a contraditória Glasnost foi incluída nessa política, por ser parte inseparável dela.

Os fatos posteriores demonstraram a tendência, que impulsionava essa política inconfundivelmente antissocialista – ao se tornar incontrolável – de arrastar por detrás de si a burocracia, de fraturá-la e de pulverizá-la. Pouco importa os serviços que Gorbachev prestou e tem prestado ao imperialismo e à reação em geral, estes não se preocuparam em salvar a pele da arremetida e da fúria das massas famintas e desempregadas. Os trabalhadores dos países em que se aplica a contrarrevolucionária Perestroika já conhecem a verdadeira face horripilante do capitalismo.

A política anunciada por Gorbachev não tardou a pôr às claras que a burocracia estalinista se apoiava na opressão nacional. A rebelião das nacionalidades oprimidas sacode os cimentos dos Estados operários degenerados. Não pode haver dúvida sobre a justeza da política leninista da autodeterminação das nacionalidades. A rebelião do proletariado e das nações oprimidas contra a burocracia reivindicará a tradição revolucionária.

A Glasnost constitui uma peça da política da economia de mercado e, nos fatos, demonstra suas limitações e sua verdadeira orientação. O sangrento massacre na Lituânia o atesta por si só.

A cooperação com o imperialismo e com a reação internacional foi apresentada por Gorbachev como sinônimo de superação da luta de classes, como a materialização dos “interesses superiores da humanidade” e da paz mundial. Os acontecimentos posteriores desmentiram todas essas ilusões, semeadas pela propaganda oficial.

Dentro das Nações Unidas, convertida em uma “cova de bandidos” – para usar a caracterização de Lênin da Liga das Nações –, e fora dessa organização, o bando burocrático atua na cola do imperialismo e, por isso, contra os interesses da maioria dos países semicoloniais e do proletariado mundial.

Durante o conflito bélico no Golfo Pérsico, a burocracia do Kremlin se limitou a apontar a política agressiva e colonizadora do bloco imperialista, capitaneado pelos Estados Unidos. Gorbachev se solidarizou com a agressão contra o Iraque e os povos árabes. Isso não é a paz, mas a guerra colonizadora desencadeada pela nação opressora contra a nação oprimida, para usar a caracterização de Lênin.

A lição está dada. A guerra protagonizada pelo imperialismo, que é a guerra destinada a transformar em colônias os países atrasados – ao contrário das guerras de libertação, que podem protagonizar as nações oprimidas – é inerente ao sistema capitalista e, para acabar com sua permanente ameaça, é preciso acabar com a

ordem social burguesa, com a grande propriedade privada dos meios de produção.

A burocracia se somou ao pacifismo pequeno-burguês e, quase imediatamente depois, os fatos se encarregaram de pôr em evidência sua inutilidade, sua natureza distracionista.

A restauração capitalista – se chegar a seu ponto culminante – se dará na época de decadência do capitalismo, como demonstra a crise econômica que atravessa o mundo, e também do desencadeamento de conflitos bélicos, quando o imperialismo cambaleia. Essa restauração não pode supor o rejuvenescimento capitalista. Será um sério retrocesso transitório, dirigido a entroncar com a rebelião proletária internacional.

O imperialismo considera a Rússia, a China e o Leste Europeu como territórios abertos à invasão das multinacionais, com todas as calamidades que a acompanham. A burocracia confia seu destino na ajuda econômica, que pode receber de parte dos capitalistas, pelo sujo trabalho que vem realizando contra os interesses dos trabalhadores.

A Perestroika desencadeou o desmoronamento do movimento estalinista, em escala mundial. Os partidos comunistas se pulverizam em inúmeras frações, se declaram social-democratas, apagam de seus programas as consignas radicais, enfim, se modernizam.

O trotskismo tem de ser parte ativa na polêmica que necessariamente gera deste processo, pois, corresponde ganhar os elementos sadios que permaneceram enganados dentro dos mal chamados partidos comunistas. A discussão para ser proveitosa deve ir até as raízes, à essência, do estalinismo, a fim de poder desvendar os bastidores deste movimento nefasto para o proletariado mundial.

A superação da contrarrevolucionária Perestroika, de restauração capitalista, será possível graças à revolução política, que terá lugar na URSS, China e Leste Europeu. Os sintomas desse fenômeno estão à vista, impulsionados pelo proletariado que ganha às ruas, mas a sua vitória final depende do surgimento do partido revolucionário, que será impulsionado pela Quarta Internacional posta em pé.

Essa revolução não será a consequência de fenômenos mecânicos, pois, se trata de um processo político complexo, que poderá ser impulsionado unicamente pela direção revolucionária mundial, marxista-leninista-trotskista.

A revolução política acabará com a Perestroika, mas antes esta deve ser derrotada no campo ideológico e político pelos trotskistas, que assim levarão ao seu ponto culminante a luta antiburocrática, que em seu momento empreenderam Lênin, Trotsky e seus seguidores.

(Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, tomo LIV, ponto 8, “Para Ler o Programa do POR”, fevereiro de 1991, Ediciones Masas)



Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Novo plano da OTAN

Somente o proletariado organizado pode interromper a ofensiva imperialista contra a Rússia e a China

A cúpula de Madri, realizada pela OTAN, expressa o mais avançado estágio de decomposição do capitalismo após a Segunda Guerra Mundial. Ocorre nas condições de mais de quatro meses de bárbaro confronto militar na Ucrânia, de recrudescimento da crise econômica global, de projeção da miséria e fome na maior parte do mundo e, sobretudo, de emersão do espectro de uma terceira guerra mundial.

Os Estados Unidos, como não poderiam deixar de ser, estão à frente do cerco econômico-militar à Rússia, da utilização do povo ucraniano como bucha de canhão, das pressões pela escalada militar na Europa e mundial e da cúpula de Madri. A burguesia imperialista e o governo norte-americano são os principais responsáveis pela guerra na Ucrânia e pelo seu sangrento e destrutivo prolongamento. Mas somente podem estar à frente da escalada militar por contarem, principalmente, com o auxílio das potências europeias, em particular, com o da Inglaterra.

A intervenção russa na Ucrânia – precedida dos conflitos em 2014 em torno ao ingresso da ex-república soviética na União Europeia e na OTAN e da guerra civil separatista na região de Donbass – reflete o agravamento da guerra comercial, encabeçada pelos Estados Unidos, cuja frente de combate se concentra na China. A propaganda imperialista, de que se trata do choque entre a “democracia e os valores ocidentais civilizados” com os “regimes ditatoriais e avessos aos direitos humanos”, acoberta as reais causas de transformação da guerra comercial em guerra militar.

A decadência econômica e regressão da hegemonia norte-americana alcançada na Segunda Guerra Mundial, com a nova partilha do mundo e com o Plano Marshall de reconstrução da Europa e Japão, empurram seus monopólios e sua portentosa indústria bélica a defenderem posições estratégicas contra a China e a Rússia, fundamentalmente. Não foi suficiente a vitória da “Guerra Fria” contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se desmoronou no final de 1991, e contra a China, que abriu suas portas à penetração das multinacionais, impulsionando o processo de restauração capitalista.

O imperialismo, movido pela decomposição global do capitalismo, necessita e age para que ambos os países que realizaram a revolução proletária caiam de joelhos e sirvam de instrumentos para a manutenção da hegemonia norte-americana e da ordem internacional surgida da Segunda Guerra Mundial.

As forças produtivas, reconstituídas depois da hecatombe devastadora – é bom não se esquecer do bombardeio atômico ao Japão pelas forças aéreas norte-americanas –, estão em aber-

ta contradição com as relações capitalistas de produção e com as respectivas fronteiras nacionais em que estão enraizadas. As derrotas do proletariado, a condução da burocracia estalinista à restauração capitalista, a liquidação da URSS e o mergulho da China no processo geral de restauração impediram de resolver essas contradições, desbloqueando o desenvolvimento das forças produtivas.

O aperto do cerco do imperialismo à Rússia, a guerra na Ucrânia, a volúpia da guerra comercial contra a China e, agora, a Cúpula de Madri são evidentes indicadores de que constituem um dos marcos mais altos dos desequilíbrios e das rupturas da ordem mundial, após a Segunda Guerra. Eis por que o espectro de uma Terceira Guerra se levanta no horizonte.

É preciso acompanhar cuidadosamente o movimento catastrófico da retomada das contradições do capitalismo de sua fase última, que é a do imperialismo. Contradições essas que estiveram na base das duas guerras mundiais, da destruição maciça de forças produtivas e do fortalecimento da dominação pelo imperialismo sobre a maioria das nações oprimidas. Contradições essas que impulsionaram, não apenas as guerras, mas também as revoluções e contrarrevoluções.

É preciso acompanhar cuidadosamente o movimento catastrófico da retomada das contradições do capitalismo de sua fase última, que é a do imperialismo. Contradições essas que estiveram na base das duas guerras mundiais, da destruição maciça de forças produtivas e do fortalecimento da dominação pelo imperialismo sobre a maioria das nações oprimidas. Contradições essas que impulsionaram, não apenas as guerras, mas também as revoluções e contrarrevoluções.

Os retrocessos e quebras nos avanços obtidos pelo proletariado mundial, tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra, constituem o maior perigo para a humanidade. O motivo está em que somente as revoluções proletárias, e, portanto, as transformações da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social e a libertação das nações oprimidas, que são a imensa maioria, podem interromper a marcha da guerra comercial e da escalada militar.

As deliberações da cúpula de Madri – em resposta à intervenção russa na Ucrânia e à aliança de Pequim e Moscou, ainda que frágil, bem como à persistência da China em manter sua

marcha comercial ascendente e a conservação de Hong Kong e Taiwan como seus territórios históricos – expuseram um plano de guerra. A revisão do “Conceito Estratégico” para a próxima década estabelece como alvo a Rússia e a China. A Rússia atentaria contra a “estabilidade e a paz”, erguendo-se como uma “ameaça mais significativa e direta” aos aliados dos Estados Unidos. E a China agiria como um “concorrente sistêmico”, o que poria em risco a ordem controlada pelas potências.

Baseada nessa tese, típica da “Guerra Fria”, a cúpula de Madri aprovou o reforço das “forças em estado de alerta”, a instalação da primeira base militar permanente dos Estados Unidos no Leste, o ingresso da Finlândia e Suécia na OTAN e o aumento da capacidade financeira da instituição. Esse último ponto implica a cobrança da cotização de 2% do PIB de cada um de seus 30 membros. A previsão, portanto, é de aumentar os gastos militares. Essa meta está de acordo com a escalada bélica europeia e mundial.

Desta vez, a reunião da OTAN contou com a presença do Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Ampliou-se à participação de países asiáticos com o objetivo de estender o raio de ação desse braço armado norte-americano, concebido para agir no Continente europeu.

Em setembro de 2021, os Estados Unidos, Inglaterra e Austrália selaram o denominado acordo Aukus. O pacto permitirá a Austrália construir submarinos atômicos de última geração. A força marítima da aliança possibilitará vigiar a região do Indo-Pacífico e controlar a rota comercial da China, bem como estabelecer um cerco militar, como os Estados Unidos têm feito com a OTAN nas fronteiras da Rússia. Está bem claro o plano militar do imperialismo norte-americano de integrar suas capacidades de guerra, abrangendo a Europa e a Ásia.

Eis por que os Estados Unidos e aliados europeus apressaram-se em integrar a Finlândia e a Suécia na OTAN. Não foi difícil convencer a Turquia em suspender o seu veto. O ditador Tayyip Erdogan aproveitou a ocasião para exigir da Suécia que deixe de proteger os “terroristas” curdos – na realidade, guerrilheiros curdos que lutam pelo direito de sua autodeterminação –, que extradite as lideranças foragidas na Suécia e ajude o governo turco a combater a nacionalidade insurreta. A Suécia é uma grande produtora e exportadora de armamento sofisticado. Tem interesse nas compras da OTAN e de seus países membros, incluindo a Turquia. O governo sueco não tem motivo para permanecer em sua histórica posição de nação neutra.

Está absolutamente claro que a população mundial, cons-

tituída em sua imensa maioria de proletários, camponeses e classe média, está diante de uma arremetida militar, que permite suspeitar que o imperialismo está caminhando para provocar um cataclisma mundial. O cerco da OTAN à Rússia e a consequente guerra que devasta a Ucrânia são a ponta do iceberg da crise mundial, que tende a opor ainda mais nações contra nações, povos contra povos.

As greves que começam a marcar a situação política da Europa após a pandemia, nas condições da guerra na Ucrânia e esmagamento das condições de existência dos explorados, são sintomas de efervescência das tendências objetivas de luta no seio das massas oprimidas. Essas tendências se verificam também na América Latina e em outras partes do mundo. Tudo indica que vão se avolumar com o prolongamento da crise econômica e social. Cabe à vanguarda com consciência de classe apoiar-se nas necessidades mais prementes e nas tendências mais profundas de revolta dos assalariados e camponeses pobres.

Trata-se de combater por um programa próprio dos explorados e avançar no sentido da luta pela revolução proletária, pela estratégia da ditadura do proletariado e pelos fundamentos marxistas do internacionalismo revolucionário. Não há outro caminho para interromper a marcha do imperialismo rumo a conflagrações militares mais

amplas a não ser o de combate pelo programa de expropriação do grande capital e transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. É nesse campo de enfrentamento ao imperialismo e às burguesias nacionais que o proletariado recuperará suas conquistas perdidas para a contrarrevolução, constituirá novas organizações independentes e dará passos firmes na tarefa de superar a crise de direção. O objetivo estratégico encarnado pela vanguarda marxista-leninista-trotskista é a de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Diante da decomposição do capitalismo, da guerra na Ucrânia e da mais recente investida do imperialismo na cúpula de Madri, o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional mantém firme sua campanha internacionalista e bem alto as bandeiras: fim da guerra na Ucrânia, desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos, revogação das sanções econômico-financeiras à Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Não à submissão da Finlândia e Suécia à estratégia de guerra dos Estados Unidos! Rompimento de todos os acordos e pactos militares entre os próprios países membros da OTAN! Fim do cerco militar à Rússia e China!

O objetivo estratégico encarnado pela vanguarda marxista-leninista-trotskista é a de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL



R\$35

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DE MASSAS

BOLETIM DO CERQUI

Publicamos abaixo do Boletim do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), nº 35, de 1º de julho de 2022. O Boletim concentra-se na campanha internacional pelo fim da guerra na Ucrânia. É nesse marco que os vários artigos expressam o agravamento da crise mundial do capitalismo e a retomada da luta de classes em um patamar mais elevado, após os anos de pandemia. A guerra na Ucrânia comparece como produto das tendências bélicas que se abrigam no processo da guerra comercial, encabeçada pelos Estados Unidos. O Boletim do CERQUI não apenas apresenta análise e explicação das condições de putrefação do capitalismo da época imperialista como expõe a relação entre as reivindicações mais elementares dos explorados com a estratégia da revolução e do internacionalismo proletário.

Apresentação

Já se passaram mais de 4 meses de guerra na Ucrânia. É necessário acompanhar cuidadosamente o agravamento da guerra e o perigo de se transformar em uma guerra mundial. A cúpula da OTAN, realizada em Madri, no final de junho, revelou claramente sua política militarista, comandada pelos EUA, que decidiram prolongar a guerra, causando o maior sofrimento humano e material.

A OTAN estabeleceu em seu documento um novo “Conceito Estratégico” para a próxima década. Declara a Rússia como seu inimigo, “a ameaça mais significativa e direta à segurança dos aliados e da paz e estabilidade”, ratificando sua orientação das últimas décadas. E estabelece seu objetivo estratégico: “As ambições declaradas e as políticas coercitivas da República Popular da China desafiam nossos interesses, segurança e valores”. Diz que a China é um “concorrente sistêmico”, que “procura controlar os principais setores tecnológicos e industriais, infraestrutura crítica e materiais estratégicos e cadeias de suprimentos. Utiliza a sua influência econômica para criar dependência.”

Pela primeira vez, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia foram convidados para a cúpula da OTAN, em Madri, para não deixar dúvidas sobre seu objetivo militar.

Os EUA destinarão um novo pacote de ajuda militar de US\$ 800 milhões para Kiev, que inclui sistemas de defesa aérea e armas ofensivas. O Reino Unido destinará £ 1 bilhão, em ajuda militar adicional à Ucrânia, para sistemas sofisticados de defesa aérea e novo equipamento eletrônico. O apoio militar total do Reino Unido a esse país chega a 2,3 bilhões de libras, ficando apenas atrás dos EUA.

Os EUA informam que “aumentarão” as bases rotativas, com blindados, aviação, defesa aérea e forças de operações especiais, “para fortalecer a segurança no Báltico” e montarão uma base permanente na Polônia. A OTAN está empenhada em implantar forças mais “robustas” e “prontas para o combate” em seu flanco oriental, para expandir os atuais batalhões distribuídos em oito países do Leste Europeu. A admissão da Finlândia e da Suécia à OTAN também foi aprovada. Seu secretário-geral, Jens Stoltenberg, declarou provocativamente que “a Rússia terá mais OTAN ao longo de suas fronteiras”.

Essa ofensiva militar, em nome da defesa da ordem mundial, é complementada por sanções e bloqueios econômicos, que impactam os preços e o abastecimento de alimentos e energia em todo o mundo, multiplicando as penúrias dos oprimidos, que vêm suportando dois anos de Pandemia, des-

truição massiva de empregos, fechamento de empresas, cortes salariais, precarização trabalhista, miséria, fome e morte. Essas medidas levam a economia mundial à recessão, o que agravará ainda mais a situação atual.

O capitalismo em sua decomposição não pode proteger a saúde. Ao contrário de proteger, arrasa as condições de vida e de trabalho de bilhões de pessoas no mundo. O imperialismo, que não consegue sair da crise, potenciou a guerra comercial para sustentar a hegemonia dos EUA, e avança com seu militarismo, pondo em risco a humanidade. As direções políticas e sindicais das massas adotaram políticas de paralisia, de conciliação de classes, deixando as forças mais reacionárias com as mãos livres, para avançar contra conquistas e direitos históricos, empurrando o mundo à barbárie.

O drama da classe operária e dos oprimidos é não contar com sua direção revolucionária, que correspondente diante de tal situação: a revolução social, que acabe com o parasitismo do capital financeiro, com os monopólios que concentram a atividade econômica, com a minoria cada vez mais concentrada, que não para de multiplicar sua renda, mesmo nas piores crises econômicas; e que exproprie os grandes meios de produção, para transformá-los em propriedade social, planificando a economia, e pondo fim ao caos e à anarquia.

As massas em todo o mundo respondem como podem, apesar de suas direções, organizam-se para resistir, recorrendo a métodos cada vez mais radicalizados. Essa radicalidade, diante da impotência de não poder acabar com o poder da burguesia, desvia-se para o terreno do eleitoralismo, do legalismo burguês, do apelo aos eleitores, que frustram cada vez mais as aspirações dos oprimidos, por não acabar com o regime da grande propriedade, que impede o desenvolvimento das forças produtivas.

É urgente pôr em pé os partidos revolucionários em cada país, e fortalecer a Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), sob a estratégia da ditadura do proletariado, pois, somente a classe operária pode dirigir os processos revolucionários, conquistando a direção da maioria oprimida e levando-a ao poder. Os revolucionários devem ser capazes de dar expressão política consciente ao processo instintivo de revolta que vem crescendo entre as massas, partindo de suas reivindicações mais sentidas, para construir uma ponte para a luta pelo poder político. Não há caminhos, nem vias intermediárias. Socialismo ou barbárie capitalista!

Direção do CERQUI

Motivados pela guerra na Ucrânia e todo o significado histórico do desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, publicamos o discurso de Lênin no encerramento do Terceiro Congresso dos Sovietes. Pode-se observar, no calor da revolução, a concepção leninista do Estado soviético e a importância da revolução alemã para o desenvolvimento do socialismo. O problema da autodeterminação das nacionalidades oprimidas, concretamente colocado no caso da Finlândia e Ucrânia, expõe a rigorosa posição programática do marxismo. Há um vínculo indissolúvel entre a expropriação da burguesia, a socialização das terras, a democracia soviética, a constituição do Estado Operário e a edificação da República Soviética, como uma federação de repúblicas livres, das diferentes nacionalidades. Aí estão as bases das transformações revolucionárias, de Outubro de 1917, que foram golpeadas pelo processo de restauração capitalista, capitaneado pela burocracia termidoriana e pelo partido comunista estalinizado. Para entender a guerra na Ucrânia, é preciso recorrer a esse momento e às formulações de Lênin.

Discurso no encerramento do Congresso

Lênin, 18 de janeiro de 1918

Camaradas: antes do encerramento do Terceiro Congresso dos Sovietes, devemos determinar, com toda imparcialidade, o papel histórico que desempenha este Congresso na história da revolução internacional, na história da humanidade. Pode-se dizer com incontestável fundamento que o Terceiro Congresso dos soviets abre uma nova época na história mundial, e que eleva crescentemente a consciência de seu significado, em tempos da revolução mundial. Este Congresso consolidou a organização do novo poder estatal, criado pela Revolução de Outubro, e marcou o caminho da futura construção socialista para todo o mundo, para os trabalhadores de todos os países.

Aqui, na Rússia, na esfera da política interna, está já definitivamente reconhecido o novo sistema da República Socialista Soviética, como federação de repúblicas livres das diferentes nações que povoam a Rússia. E agora, é evidente para todos, e estou seguro de que até para nossos inimigos, que o novo sistema, o poder dos soviets, não é uma invenção, nem um manejo do partido, mas sim o resultado do desenvolvimento da própria vida, o resultado da revolução mundial, que está tomando forma espontaneamente. Lembrem-se de que todas as grandes revoluções tenderam invariavelmente a destruir até as raízes o velho sistema capitalista, tenderam não apenas conquistar direitos políticos, mas também arrancar a própria direção do Estado das mãos das classes dominantes, de todos os exploradores e opressores dos trabalhadores, para pôr fim para sempre a toda exploração e opressão. As grandes revoluções aspiraram destruir o velho aparato estatal explorador, mas isso até agora não foi conseguido. É aqui que a Rússia, em virtude das particularidades de sua situação econômica e política, foi a primeira a conseguir passar o poder estatal para as mãos dos próprios trabalhadores. Agora, sobre um caminho cheio de obstáculos históricos, construiremos o sólido e luminoso edifício da sociedade socialista. Pela primeira vez na história, se está criando um novo tipo de poder estatal destinado, por vontade da revolução, a eliminar do mundo a exploração, a opressão e a escravidão.

Mas o principal pilar da solidez do novo sistema são as medidas organizativas que estamos tomando para o socialismo. Nesse sentido, nos espera um enorme trabalho. Lembrem-se, camaradas, de que os bandoleiros imperialistas mundiais, que arrastaram as nações à guerra, desorganizaram as bases de toda a vida econômica do mundo, deixaram-nos uma pesada herança: o trabalho de reconstruir o que eles destruíram.

Vemos agora o que produziu o novo princípio socialista de governo no âmbito de nossa política interna. Lembrem-se, camaradas, de como a imprensa burguesa gritava sem parar, até há pouco, que estamos destruindo o Estado russo, que não somos capazes de governar e que, por isso, se separam de nós todas as nacionalidades: Finlândia, Ucrânia, etc. A imprensa burguesa, cheia de maligna alegria, quase todos os dias comunicava notícias das tais “separações”. Nós compreendíamos melhor que eles, camaradas, as causas fundamentais desse fenômeno, originadas na desconfiança das massas trabalhadoras no governo imperialista conciliador dos senhores Kerenski e

Cia. Nós guardamos silêncio, acreditando firmemente que nossos justos princípios e nosso próprio governo demonstrariam a todos os trabalhadores nossos verdadeiros objetivos e aspirações melhor que as palavras.

E tivemos razão. Nossas ideias triunfaram na Finlândia e na Ucrânia, e estão triunfando no Don; despertam a consciência de classe dos trabalhadores, e os organizam em uma forte aliança. Temos atuado sem diplomatas e sem os velhos métodos aplicados pelos imperialistas, mas o grandioso resultado é evidente: a revolução triunfou, e aqueles que ganharam estão unidos a nós, em uma poderosa federação revolucionária. Nós governamos, mas não dividindo, como recomendava a dura lei da antiga Roma, mas unindo todos os trabalhadores, com os laços indestrutíveis de seus interesses vitais e de sua consciência de classe. E nossa união, nosso novo Estado, é mais sólido que o poder baseado na violência que une os Estados artificialmente, necessários aos imperialistas, com mentiras e com a força. Bastou, por exemplo, que os operários e camponeses finlandeses tomassem o poder em suas mãos, para que nos enviassem expressões de lealdade à revolução proletária mundial, e saudação que revelavam inquebrantável decisão de marchar junto a nós pelo caminho da Internacional. Essa é a base de nossa federação, e estou profundamente convencido de que em torno à Rússia revolucionária se irão agrupando cada vez mais, diferentes nações livres. Essa federação

é invencível, e crescerá completamente livre, sem que usem a mentira e a força. A maior garantia de sua invencibilidade são as leis e o sistema estatal que estamos criando aqui. Acabam de conhecer, em alguns instantes, a lei da socialização da terra. Por acaso esta lei não garantirá que a união dos operários e camponeses é agora indissolúvel, e que nós, com tal união, estaremos em condições de vencer todos os obstáculos no caminho ao socialismo?

Devo dizer que esses obstáculos são enormes. A burguesia colocará em jogo todos seus recursos, se jogará com tudo para destruir nossa união. Aparecerão mentirosos, provocadores, traidores, poderá surgir gente inconsciente; mas nada nos atemoriza, porque criamos nosso novo poder estatal, porque o governo está em nossas mãos. Arremessaremos todo o peso de nosso poder contra qualquer tentativa contrarrevolucionária. Mas o principal pilar da solidez do novo sistema são as medidas organizativas que estamos tomando para o socialismo. Nesse sentido, nos espera um enorme trabalho. Lembrem-se, camaradas, de que os bandoleiros imperialistas mundiais, que arrastaram as nações à guerra, desorganizaram as bases de toda a vida econômica do mundo, deixaram-nos uma pesada herança: o trabalho de reconstruir o que eles destruíram.

É evidente que os trabalhadores não têm experiência de governo; mas isso não nos assusta. O proletariado vitorioso tem diante de si uma terra que agora se transformou em um bem público, e ele saberá organizar a nova produção e o consumo de acordo com os princípios socialistas. Antes, toda inteligência do homem, toda sua capacidade, somente criava para brindar a alguns os bens da técnica e da cultura, e privar os outros das necessidades mínimas da instrução e o desenvolvimento. De agora em diante, em transformação, todas as maravilhas da técnica, todas as conquistas da cultura pertencerão a todo o povo, e nunca mais a inteligência do homem e sua capacidade serão utilizadas para a opressão e a exploração. Sabendo disso, é possível que não nos dediquemos a trabalhar, que não entreguemos toda nossa energia para cumprir a maior das tarefas históricas? Os trabalhadores realizarão este titânico trabalho histórico, pois, neles dormem, latentes, as grandes forças da revolução, o ressurgimento e a renovação.

Já não estamos sós. Nesses últimos dias, se produziram fatos significativos, não só na Ucrânia e na região do Don, não somente no reino de nossos Kaledin e Kerenski, mas também na Europa ocidental. Vocês têm notícias dos telegramas sobre a situação da revolução na Alemanha. As chamas da fogueira revolucionária sobem cada vez mais alta, sobre todo o velho e podre sistema mundial. Não foi uma teoria, alijada da realida-



de, nem uma fantasia inventada por sábios de gabinete, que uma vez que tivéssemos estabelecido o poder soviético, induziríamos os outros a realizar intentos semelhantes em outros países. Pois, repito, os trabalhadores não têm outra saída para esta sangrenta matança. Hoje, esses intentos estão consolidando-se como conquistas da revolução internacional*. E fechamos este histórico Congresso dos Soviéticos sob o signo da crescente revolução mundial. Não está longe o dia em que os trabalhadores de todos os países se unirão em um só Estado, que abarque toda a humanidade, para construir, com o esforço comum, um novo edifício socialista. O caminho dessa edificação passa por meio dos soviéticos, como uma das formas da nascente revolução mundial. (Estrondosos aplausos). Ao saudá-los, os chamo a construir esse novo edifício. Vocês regressarão às suas localidades e dedicarão todos seus esforços a organizar, a consolidar nossa grandiosa vitória. (Os delegados se colocaram de pé, com enormes aplausos, saúdam o camarada Lênin).

- No texto publicado no número 15 do Pravda, de 2 de fevereiro de 1918, figurava a continuação o seguinte parágrafo: “Vocês recordarão que os imperialistas e os lacaios da burguesia nos reprovavam: ‘Vocês, com a política que aplicaram, têm perdido seus aliados – Inglaterra, França, América do Norte’ -; nos jogavam na cara que ‘nós isolamos a Rússia...’”. Sim, camaradas, perdemos os capitalistas ingleses, franceses e norte-americanos, mas ganhamos os operários, soldados e camponeses ingleses, franceses e norte-americanos. Que se atrevam a dizer-nos agora que não temos aliados”.

(Extraído das Obras Completas, Lênin, tomo XVIII, Akal Editor)

R\$ 30

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DO MASSAS

LANÇAMENTO LIVRO

**Lênin estrategista
da revolução proletária**

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

POR
Marxismo
Teoria e Programa

Nova
Coleção
Editorial



**Lênin estrategista
da revolução proletária**

*Apontamentos sobre a história
do Partido Bolchevique*

Bolívia

A crise de direção revolucionária na atual conjuntura

Invariavelmente, o agravamento dos conflitos sociais, derivados da crise econômica, atualiza o problema da direção revolucionária, e põe à prova o programa político de todas as tendências que se reivindicam do proletariado e da revolução. Por um lado, acentua-se a condição de organizações políticas contrarrevolucionárias e pró-burguesas, de todas as tendências que se reivindicavam do “Socialismo do Século XXI”, que acabam se alinhando à política pró-capitalista dos governos burgueses em conflito. De outro, acentuam-se os contornos direitistas, ditatoriais e pró-fascistas dos partidos burgueses e reformistas.

zes de fazê-lo, ou, ao contrário, se aliam aos métodos burgueses e à opressão nacional, aplicados pela burocracia e pela oligarquia russa na invasão da Ucrânia, em nome de que os despojos da burocracia estalinista e da nascente oligarquia burguesa russa são mais “progressistas” que o imperialismo norte-americano.

Nenhuma dessas tendências confia ou entende que a única resposta revolucionária passa por compreender que somente o proletariado, defendendo seu programa e estratégia política, e orientado para lançar as bases do socialismo, pode acabar com os governos pró-capitalistas e pró-imperialistas. Assim, sobre

tidas, nesse sentido, são as previsões dos organismos financeiros do imperialismo. O que já se manifesta nos altíssimos índices de inflação, que vêm batendo recordes históricos, e com a consequente exacerbação dos conflitos sociais. O controle circunstancial que alguns governos, como o boliviano, conseguem, sobre a base do subsídio aos combustíveis, grãos e no congelamento de salários e renda da população, não freia o processo inflacionário, muito menos promove a reativação do aparato produtivo.

É no cenário dessa tensão, na disposição combativa das massas, e na falência política de suas direções tradicionais, que se abre um terreno fértil para a penetração do partido revolucionário no seu interior. Esta possibilidade pode realmente ser abreviada, desde que existam células partidárias devidamente preparadas com experiência suficiente para realizar a tarefa. As aquisições programáticas serão postas à prova, e os fatos exigirão seu aperfeiçoamento. Nossa vantagem comparativa é que, como POR-CERQUI, possuímos a experiência de ter sido capaz de transformar o instinto comunista do proletariado em política revolucionária consciente e, nessa medida, compreender a importância transcendental de ser um partido-programa, de organização bolchevique celular, baseado no centralismo democrático.

É no cenário dessa tensão, na disposição combativa das massas, e na falência política de suas direções tradicionais, que se abre um terreno fértil para a penetração do partido revolucionário no seu interior. Esta possibilidade pode realmente ser abreviada, desde que existam células partidárias devidamente preparadas com experiência suficiente para realizar a tarefa.

O desenvolvimento dos acontecimentos, precipitados em torno à Guerra na Ucrânia, põe à prova todas as tendências políticas e, em particular, aquelas que se dizem marxistas-leninistas-trotskistas. A maioria acabou cedendo à pressão do imperialismo, que condena a invasão russa, tornando uma abstração os planos expansionistas da OTAN, em nome de direito abstrato à autodeterminação das nações; direito que o imperialismo e a própria OTAN nunca respeitaram, porque, por sua própria natureza (nação opressora), são organicamente incapazes

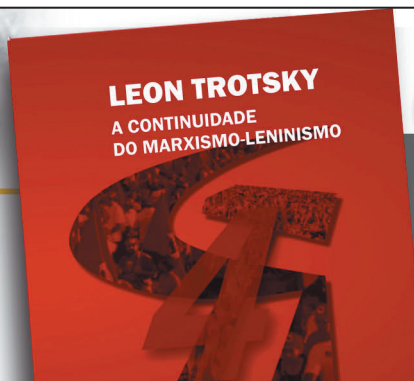
a base da socialização dos grandes meios de produção e do estabelecimento da economia planificada, será possível alcançar uma paz duradoura, que torne realidade o direito à autodeterminação das nações, em um mundo sem explorados nem exploradores. A tarefa envolve a necessidade de impor o desmantelamento da OTAN, a expulsão das bases militares dos EUA na Europa e no mundo e a retirada das tropas russas da Ucrânia.

Na América Latina, mais do que em qualquer outra região do mundo, as consequências da estagflação serão sen-

(Extraído do Jornal Massas nº 2705, órgão do Partido Operário Revolucionário da Bolívia)

Publicado o livro:
LEON TROTSKY
A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO

“Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato”.



R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

A crise interna do MAS, expressão de suas limitações políticas e seu esgotamento no poder

Guillermo Lora, assim que Evo Morales chegou ao poder, após sua espetacular vitória eleitoral em 2006, fez importantes avaliações sobre o fenômeno político do MAS. Assinalou que “... é um partido camponês estrangulado por dirigentes burocratizados, que se movem apoiados em camarilhas de pequenos burgueses corrompidos. Com o passar dos acontecimentos, as massas camponesas amadurecem para acabar com os traidores e sepultá-los na cova partidária”. Mais abaixo, ele aponta: “O vírus que pode pulverizá-lo é sua incapacidade de jogar fora todo o lixo que está em seu seio e assumir a política de como resolver os problemas fundamentais do campesinato: da terra, da miséria extrema, da autodeterminação nacional... É certo que o MAS esquecerá de todos esses aspectos tradicionais ou os desvirtuará, para aparecer como o serviço incondicional de seus senhores burgueses.”

“Podemos ousar considerar como as massas da agricultura agirão contra seu governo, assim que a agitação da mudança de governo no país passar. O que se passa diz respeito ao conhecimento do comportamento do campesinato diante de suas necessidades. Por outro lado, e apesar de as massas camponesas não terem criado o MAS, muito menos o atual governo, certamente já o consideram seu, sua obra. É por isso que eles exigirão o atendimento de suas necessidades”.

“É preciso ter presente que as atuais condições econômicas do governo, e mesmo a estrutura burguesa do Estado, não permitem que ele satisfaça as demandas da maioria nacional. Para isso, teria de mudar sua estrutura econômica e a do próprio país...”

“Para as massas agrícolas, seu governo é obrigado a satisfazer imediatamente suas demandas. Qualquer adiamento o forçará a negá-lo, denunciá-lo como traidor de seu povo e, finalmente, combatê-lo”. (Obras Completas, tomo LXVIII).

Lora acertou plenamente, quando assinalou que o MAS é um partido dominado por camarilhas corruptas de oportunistas pequeno-burgueses, e que não poderá se libertar delas para resolver os problemas fundamentais dos camponeses. Por meio dessas camarilhas, até então, se fortaleceram com esses tentáculos do capitalismo decadente, que são as ONGs e que serviram de correia de

transmissão do pós-modernismo. Seus postulados teóricos sobre a descolonização, partindo apenas de bases puramente culturais, a revolução cultural democrática, o Estado pluricultural, que significa a negação da luta de classes, etc., partem da possibilidade de que países como a Bolívia, oprimidos pelo imperialismo, podem alcançar seu desenvolvimento nas relações de harmonia e complementaridade com os países opressores. Essa colocação, supostamente programática, que se enquadra no reformismo de conteúdo burguês, é uma impostura, porque afirma que a Bolívia ainda pode conhecer seu pleno desenvolvimento no âmbito do capitalismo, com uma economia comunitária, quando a propriedade comunal foi destruída pela penetração do capitalismo.

Lora também acertou quando afirma que o movimento cam-

ponês, considerando o governo do MAS como seu, se apressa em exigir soluções imediatas para seus problemas. A única coisa que não podia prever é que o MAS, apoiado em suas organizações que cumprem o papel de verdadeiros governos locais, e seus dirigentes, constituíram autoridades indiscutíveis, mostrando capacidade de estruturar uma casta burocrática extremamente corrupta de dirigentes, que puderam, com dádivas e muita demagogia, atrasar no tempo a rebelião do movimento camponês contra o cinismo e a impostura do governo do MAS.

Atualmente, os aspectos assinalados, em meio a um paulatino esgotamento do governo do MAS, são os fatores que contribuem para o aprofundamento acelera-

do da crise interna do MAS.

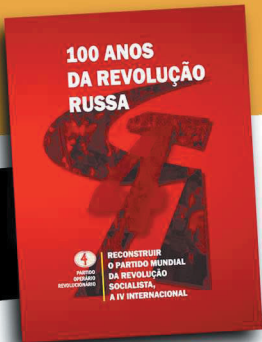
O MAS esgotou-se politicamente e vive seu período de agonia. As massas que estavam iludidas, acreditando que a chegada ao poder do camponês indígena Evo Morales era sinônimo de um governo revolucionário, viveram a experiência da impostura masta e perderam a fé nele.

(Extraído do Jornal Massas, nº 2705, órgão do Partido Operário Revolucionário da Bolívia)

Lora acertou plenamente, quando assinalou que o MAS é um partido dominado por camarilhas corruptas de oportunistas pequeno-burgueses, e que não poderá se libertar delas para resolver os problemas fundamentais dos camponeses. Por meio dessas camarilhas, até então, se fortaleceram com esses tentáculos do capitalismo decadente, que são as ONGs e que serviram de correia de transmissão do pós-modernismo.

LANÇAMENTO ▶

R\$ 35



ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR:

100 anos da Revolução Russa

RECONSTRUIR O PARTIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL, A IV INTERNACIONAL

Peru / Castillo cambaleia, a direita se fortalece

As massas devem lutar sob a estratégia revolucionária diante da crise do poder burguês

Dias depois do segundo turno (6 de junho de 2021), os partidos direitistas e a burguesia peruana organizaram uma ofensiva contra o presidente nacional-reformista. Essas forças políticas controlam as instituições e as principais alavancas econômicas do país. De maneira que, quando as condições políticas permitissem, poderiam derrubar Castillo pela via do golpe institucional.

As renúncias de ministros, a ofensiva judicial contra o presidente, sob a acusação de corrupção, e os recorrentes pedidos de cassação, soma-se, agora, a ruptura de Castillo com o partido que o alavancou à presidência (Peru Livre), que, por sua vez, se declarou oposição ao governo. Isto se passa quando os apoios sociais e populares de Castillo despenham. O que favorece a direita que, nas últimas semanas, acirra a ofensiva pela sua destituição, que agora tem condições mais favoráveis para avançar.

O capital monopolista não tem apoiado (até agora) a cassação de Castillo. O presidente abandonou seu limitado programa reformista da campanha eleitoral, e aplica as medidas que favorecem os monopólios e o capital financeiro. A garantia de continuidade da extração de minérios (com os salários depreciados e a venda pelos preços mundiais) tem favorecido os lucros extraordinários da burguesia imperialista. O chefe de Estado aceitou, também, que as universidades privadas condicionem a política educacional do governo, e que Igreja tenha poder de veto nos seus conteúdos. A reforma agrária foi engavetada e substituída por créditos que agravarão a insolvência dos pequenos produtores; mas, que servirão para subsidiar os latifundiários, que possuem a maioria das terras entregues em concessão para a produção agrícola. O aumento dos preços e falta de insumos agrícolas, produto da crise e da guerra na

Ucrânia, alavancaram os lucros e renda da burguesia e oligarquias, que monopolizam o comércio interno, enquanto destroem rapidamente as condições de produção dos camponeses, e o consumo dos assalariados.

As massas continuam, portanto, suportando as chagas desagregadoras do desemprego, a precarização trabalhista, o congelamento salarial, a desagregação do poder de compra dos salários e o avanço da miséria. Nessas condições, as greves e manifestações vêm crescendo e radicalizando. Ao se erguerem em defesa das condições de vida dos oprimidos, se chocam com a política pro-burguesa de Castillo, já abertamente assinada como traição pelas massas que o elevaram à presidência.

O governo pequeno-burguês é incapaz de se equilibrar entre as forças sociais antagônicas que o cercam. As tendências da crise e suas consequências sobre a vida das massas o obrigam a se apoiar ainda mais na burguesia, que condiciona sua permanência no governo. E aprofundarão ainda mais o abismo entre sua permanência no governo e as necessidades vitais das massas.

Caso prospere o golpe institucional, a crise será resolvida em favor da burguesia, e contra os interesses dos explorados. A ausência da direção revolucionária do proletariado é o principal fator político e histórico que impede que o desfecho da crise do regime burguês abra caminho para a revolução social.

De qualquer forma, a desagregação do governo é favorável à vanguarda com consciência de classe, para cumprir a urgente tarefa de construir o partido marxista-leninista-trotskista. Trata-se de ajudar as massas a traduzirem sua rejeição ao governo impostor por meio da luta pelo programa de reivindicações da maioria oprimida e da propaganda da estratégia socialista.

Equador / Lasso recua perante a força do movimento

Aproveitar o impasse para reorganizar os movimentos e unificar as massas sob um plano comum de reivindicações

Em 30 de junho, foi assinado um acordo entre as organizações indígenas e o governo. O que resultou na desativação das mobilizações. O governo aceitou reduzir em até 15 centavos de dólar o preço do diesel e gasolina; frear o ajuste dos preços; subsidiar até 50% o preço da ureia (insumo vital da produção agrícola) a pequenos e médios produtores (de maioria indígena); anulou o Decreto 95, sobre política petrolífera, e propôs reformas no Decreto 191 da política mineira (expansão da exploração em áreas indígenas e protegidas); aumentará os subsídios sociais em US\$ 5 (de 50 para 55 dólares); declarou a “emergência” do sistema de saúde pública, e “duplicará” o orçamento educacional. Prometeu anular as dívidas de até US\$ 3 mil, e aplicar linhas de crédito com taxas de juros baixas, e, particularmente, não avançar nas privatizações de empresas públicas.

As massas impuseram parte das reivindicações contidas no Plano dos Dez Pontos (ver, Massas 667) que unificava a luta indígena com as lutas contra a alta do custo de vida e as contrarreformas. Tudo indica que houve uma importante vitória parcial do movimento. Conjunturalmente, se reforçam as posições populares. Mas, as medidas são completamente insuficientes para impor uma virada decisiva nas condições de vida das massas. Mantém-se em pé o Decreto 457 (“Alinhamentos para a otimização do gasto público”), que se orienta a suprimir postos de trabalho, congelar salários, precarizar as relações trabalhistas, etc.

Os governos semicoloniais percorrem uma virada direitista e

repressiva, inclusive os nacional-reformistas, determinada pela política burguesa mundial de opressão social e saque das nações oprimidas, apesar dos conjunturais recuos dos governos. É uma manifestação dessas mudanças nas relações entre as classes, as tendências racistas da classe média abastada contra os indígenas. Essa base social, ainda que minoritária, reforça conjunturalmente o governo em decomposição.

O governo, apesar de enfraquecido, mantém-se de pé. As Forças Armadas continuam servindo de esteio para sua preservação. O imperialismo se orienta a reforçar a governabilidade, visando a aproveitar uma nova oportunidade para continuar com a política entreguista e a ofensiva destruidora dos empregos e salários. Em outras palavras: o conjuntural recuo do governo e a parcial vitória das massas não alterarão o curso das contrarreformas e ataques, ditados pelo capital financeiro e monopolista mundial.

Em 2019, as massas obrigaram o governo a retirar parte das medidas antioperárias e antipopulares. Moreno tentou quebrar o movimento com uma brutal repressão. Mas, a radicalização das lutas obrigou-o a fazer limitadas concessões. Com o movimento arrefecido, o governo retomou o curso das contrarreformas. Lasso percorrerá a mesma trilha, a não ser que os indígenas se mantenham organizados e prontos para voltar às manifestações. A vanguarda que desperta na luta de classes tem a tarefa de vigiar o cumprimento do acordo, e manter a organização independente dos oprimidos.